

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
Curso de Especialização: Formação em Psicodrama
Convênio SOPSP – PUCSP

CHAIZA LIMA DE MORAES

**UM ESTUDO SOBRE O RESGATE DO PAPEL DE MULHER EM GRUPO
DE MÃES DE CRIANÇAS SURDAS**

São Paulo

2018

CHAIZA LIMA DE MORAES

**UM ESTUDO SOBRE O RESGATE DO PAPEL DE MULHER EM
GRUPO DE MÃES DE CRIANÇAS SURDAS**

Monografia apresentada ao curso de pós-graduação *latu sensu* especialização: Formação em Psicodrama, da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, convênio com a Sociedade de Psicodrama de São Paulo, como requisito à obtenção do título de Especialista em Psicodrama.

Orientadora: Psicodramatista Didata
Supervisora Yvette Betty Datner.

São Paulo

2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Parecerista: Profa. Psicodramatista Didata Supervisora
Denise Silva Nonoya

Parecerista: Profa. Psicodramatista Didata Supervisora
Me. Maria de Lourdes Sgorbissa

Orientadora: Profa. Psicodramatista Didata Supervisora
Yvette Betty Datner

São Paulo

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por traçar um caminho em minha vida que jamais imaginei chegar, através de um processo de transformação que me levou a estudar algo que proporcionasse ajuda às pessoas e em paralelo me aproximou mais intimamente de Sua companhia, trilhando um caminho espiritual que tem me proporcionado muito prazer e realização; a Ele toda honra e toda a glória por me fazer chegar até este momento, autor de toda a criatividade e espontaneidade que há em mim, responsável pelo meu processo de aprendizagem na vida, no curso e nesta escrita. Agradeço também a minha família, em especial à minha mãe Edna C. Lima que, com sua determinação e generosidade, foi exemplo de vida para mim. Aos muitos amigos que fizeram parte do meu processo de crescimento pessoal e relacional, às minhas terapeutas Denise Silva Nonoya e Priscilla B. Mesquita, por todo acolhimento oferecido em momentos de dores profundas; acredito que vocês foram instrumentos de Deus, responsáveis pela minha melhora. Aos professores que fizeram parte dessa jornada, em especial às Profas. Maria de Lourdes Sgorbissa, Rosely Cubo Pinto de Almeida e à minha orientadora Yvette Betty Datner que, com muito amor, carinho e paciência, tornou este momento único, leve e enriquecedor. Os agradecimentos são infinitos, pois sou grata a tudo e todo acontecimento, positivo e negativo, de alegrias e tristezas, todos eles foram responsáveis por me tornar quem eu sou hoje. Gratidão profunda a todos que fizeram parte da minha vida.

RESUMO

A presente monografia teve como objetivo estudar a transformação da ociosidade de um grupo de mulheres, mães de crianças surdas que as levam à escola, diariamente, permanecendo na própria instituição à espera do término das aulas, por não terem como sair e voltar para buscar seus filhos em função da distância da moradia e não terem trabalho, a não ser os afazeres domésticos e os cuidados com sua criança. A interrogação inicial foi como estas mães-mulheres poderiam ter ganhos pessoais nestas horas de espera, transformando estas horas em vivências significativas. O projeto foi realizado por meio de uma pesquisa-ação, pesquisa de caráter qualitativo, objetivando a co-criação de respostas e caminhos do grupo, definido, inicialmente, como informal, por circunstâncias da espera. O estudo foi realizado por meio do Psicodrama, teoria criada por Jacob Levy Moreno (1889 – 1974), utilizando como método o Sociodrama. A escolha do Sociodrama deu-se pelo interesse em trabalhar as questões nas quais o grupo fosse protagonista. A pesquisa propôs-se a estudar, com as participantes, a vivência deste tempo, que chamei de vazio, ou seja, como ter este tempo para elas, pessoas-mulheres na sua subjetividade, não só no papel de mãe de criança surda, formando com as demais um grupo de trocas de experiências agregadoras saudáveis e criar outra maneira de não “ficar somente à espera”. Foram realizados seis encontros de 2 horas, perfazendo um total de 12 horas. Os dados obtidos trazem informações relevantes para a elaboração de futuros projetos de pesquisa com foco no ócio, conceito contemporâneo de tempo livre e subjetividade.

Palavras-chaves: Psicodrama, Psicodrama Socioeducacional, Sociodrama, Mulheres, Mães de criança surda.

ABSTRACT

The objective of this research concerned the study of idleness changing in a group of women, mothers of deaf children who cares about bringing their sons/daughters to the school day-to-day, waiting the end of the classes of their kids at the school, due to the route of bringing the children to the school to get back to their homes is very long, and these women has no other duties than their own duties at home and care about the children. At the beginning, the question was how these mothers/women could have new significant experiences during this waiting time. The methods used at this research was Research-Action, a Qualitative Research that consists of a “joint creation” about the answers and paths for a group, at first decided as informal considering the conditions of the waiting time. By using the references of Jacob Levy Moreno’s (1889 – 1974) Psychodrama Theories and Social Drama method, the research was developed in order to observe situations about the group protagonism. The research regards to study with these participants how to experience this waiting time (that can also be called as a “void” or “blank”), that is, how could they have this time for their own, their subjectivity as women, not only roling as mother of deaf children, but also change the “waiting time” in the group with others having such significant experiences. There were 6 group meetings, and each one lasted 3h hours, totalizing 18h of all. The data catenation reveals relevant, that can corroborate to new researchs focused about leisure, contemporary idea of free time and subjectivity.

Uniterms: Psychodrama, Social Educational Pscyhdrama, Social Drama, Women, Deaf Children Mothers’.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A ESCOLHA DO GRUPO DE INTERVENÇÃO	12
1.1. O projeto e a pesquisa.....	14
1.2. A ociosidade e o ócio	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1. Jacob Levy Moreno	17
2.2. A Socionomia	20
2.3. Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria	21
2.3.1. Sociodinâmica.....	21
2.3.2. Sociometria	21
2.3.3. Sociatria	22
2.4. O Sociodrama.....	22
2.5. Conceitos.....	23
2.5.1. Grupo.....	23
2.5.2. Matriz de Identidade.....	24
2.5.3. Teoria de Papéis.....	24
2.5.4. Papel Complementar	25
2.5.5. Tele	25
3. MÉTODOS E TÉCNICAS	27
3.1. Role-Playing	27
3.2. Jogos	27
3.3. Técnicas.....	28
3.3.1. Solilóquio	28
3.3.2. Inversão de Papéis	29

3.3.3. Duplo	30
3.3.4. Técnica do Espelho.....	30
3.3.5. Concretização	31
3.3.6. Interpolação de Resistência.....	31
3.4. Instrumentos	32
3.4.1. Papel do Diretor	32
3.4.2. Papel do Ego-Auxiliar.....	32
4. O PROGRAMA DE INTERVENÇÃO.....	34
4.1. Encontros de intervenção de grupo.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
5.1. Os desafios enfrentados no desenvolvimento do papel de Psicodramatista.....	57
5.2. Reflexões	59
REFERÊNCIAS	62
ANEXO	66

INTRODUÇÃO

A motivação para fazer este trabalho fortificou-se durante o módulo de Supervisão do curso de pós-graduação *lato senso* Formação em Psicodrama do convênio PUCSP-SOPSP, realizado em 5 semestres, contando com a experiência anterior de passar por um processo de desenvolvimento pessoal, por meio da psicoterapia, para encontrar respostas para conflitos internos, notando que meus pensamentos começaram a mudar e aos poucos houve um processo de desenvolvimento pessoal.

Foi um período no qual senti que poderia dar encaminhamento a projetos da minha vida, interrompidos por conta de priorizar o meu próprio cuidado. Decidi voltar a estudar e com ajuda da minha terapeuta escolhi um curso que, para mim, sem nada conhecer e na busca que empreendia, um curso voltado para o universo terapêutico, no qual eu pudesse compartilhar com pessoas que, assim como eu, necessitam de intervenção terapêutica nem sempre somente psicoterápica. Minha vontade era tamanha de ajudar pessoas, trabalhar em prol de suas necessidades, que não considerei o fato de não ser psicóloga, mas o Psicodrama me pareceu o caminho para ajudar pessoas não somente por meio da psicoterapia, mas com métodos grupais de caráter Socioeducacional, o que é proporcionado pelo curso.

No início do curso, ao conversar com professores, notei que não seria possível ser psicoterapeuta por conta da minha formação em Administração de Empresas, mas descobri que eu poderia investir em pessoas e grupos com o Psicodrama Socioeducacional, habilitação possível dentro das normas do curso.

No decorrer do curso, aprendi que o Psicodrama Socioeducacional é tão transformador quanto o Psicodrama psicoterapêutico.

Eu acreditava que a psicoterapia era muito mais eficiente que qualquer outro método terapêutico no que diz respeito à transformação e desenvolvimento pessoal, por meio de relatos e comentários sobre os conflitos. Eu não tinha conhecimento de que o convívio com pessoas e seus dramas, bem como a discussão disso era capaz de ser tão transformador quanto a psicoterapia. Foi no desenvolvimento do papel de Psicodramatista Socioeducacional que pude perceber mais claramente o poder de uma simples troca de experiência com outras pessoas por meio das diversas formas

de expressões desses conflitos de caráter sócio-cultural e relacional, no contexto grupal e social, com a metodologia do Psicodrama.

Durante o curso, percebi a necessidade de começar a vivenciar a metodologia psicodramática, incentivada pelo curso que exigia a prática.

Trabalhando com carga horária de 40 horas, 8 horas por dia, não me era possível atuar em grupos fora de meu trabalho.

Foi um momento de muita angústia, pois eu achei que não conseguiria realizar a parte prática, mas a minha supervisora me mostrou a possibilidade de eu pesquisar oportunidades no meu próprio local de trabalho, onde eu poderia encontrar grupos e situações para vivenciar a prática. Enfim, poderia experimentar ser diretora de psicodrama Socioeducacional.

Seguindo essas orientações, olhei mais atentamente aos possíveis grupos disponíveis na Derdic e encontrei uma possibilidade de constituir um grupo em que eu pudesse iniciar minha prática de diretor de grupo.

Ainda insegura e inaugurando um novo papel, desafiei-me a enfrentar essa experiência, vivendo o que Moreno (1992) define, na Teoria de Papéis, como desenvolvimento de um papel. Como o papel se desenvolve a partir do *role-taking* - que é a primeira fase e se refere à aquisição desse desenvolvimento de papel, depois vive a do *role-playing* - que após a prática desse papel, é possível jogar com maior liberdade de atuação, para, finalmente, sendo plenamente desenvolvido, ter a característica de um *role-creating* - permitindo alto grau de liberdade de atuação. Eu estava exatamente no nascimento do meu papel, ou seja, aprendendo o papel de diretor de psicodrama Socioeducacional, em plena fase do *role-taking*. Esta fase é uma vivência em que se faz o que vimos os outros fazer e como fazer - é uma repetição de script.

Na minha lembrança vinham todos os que presenciei e vivenciei a direção com os métodos e técnicas que eu estava ainda aprendendo ao longo do curso.

Resolvi, então, lançar-me ao desafio de dirigir um grupo com a metodologia do psicodrama Socioeducacional.

Nesta monografia, apresentarei todo o processo de grupo baseado no aprendizado que obtive na construção desse novo e desafiador papel de Diretor de psicodrama Socioeducacional, mais precisamente na estrutura do Sociodrama.

No Capítulo 1, descrevo a escolha do grupo para a pesquisa qualitativa e intervenção de grupo.

No Capítulo 2, desenvolvo a fundamentação teórica, a partir de Jacob Levy Moreno, sua metodologia e conceitos.

No Capítulo 3, descrevo e defino os métodos, técnicas e em seguida cito dois instrumentos do Psicodrama.

No capítulo 4, relato o processo grupal com o programa de intervenção e os encontros de grupo.

No capítulo 5, descrevo as considerações finais com reflexão pessoal sobre o vivido e como avalio o meu papel após esse distanciamento das vivências bem como visão para um futuro projeto, fundamentado no conceito de ócio criativo.

1. A ESCOLHA DO GRUPO DE INTERVENÇÃO

Observei a existência de um grupo para o início das intervenções. Trata-se na maioria de mulheres, mães de alunos surdos, que trazem seus filhos para estudar no Instituto Educacional São Paulo – IESP - Escola de Educação Bilíngue para Surdos, localizada na Derdic - Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação, unidade filantrópica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP.

Este é o local onde trabalho no setor de Coordenação Administrativa, vendo o grupo das pessoas que circulam na instituição e sentindo de perto as dificuldades e a problemática que envolve as famílias em que um ou mais membros são surdos.

As crianças de 2 anos e meio a 16 anos frequentam a escola no período matutino, período em que ocorrem aulas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano.

Por conta da distância entre a escola e a residência e a dificuldade de locomoção, vários pais de alunos aguardam, em um espaço determinado, durante todo o período, que são 4 horas de estudo, seus filhos, na instituição. Este período fica em sua maioria marcado pela ociosidade, em termos conservadores, ou seja, pelo tempo vazio, sem nada para fazer e sem alternativas criativas e prazerosas.

O meu foco de observação foi o subgrupo das mulheres-mães cuja condição socioeconômica não permitia se deslocar para fora da instituição e retornar. Pude observar esta realidade e a oportunidade rica de atuação.

Observei que este ambiente trazia certo conforto ao grupo no que diz respeito ao compartilhamento de algo em comum que é ser mãe, pai ou cuidadora de uma criança surda e todas as particularidades que essa realidade apresenta. Existia familiaridade e compreensão neste agrupamento, o que não há em determinados ambientes sociais.

Certa frase me marcou: uma mãe relatou que sofria preconceitos por conta de abrir mão de seu emprego para cuidar do filho, disse que as pessoas não aceitavam muito bem essa realidade e julgavam negativamente essa atitude. Para muitos que observam de fora, deixar de trabalhar para cuidar do filho é como não fazer nada. Em seu relato, ficou muito forte e evidente essa necessidade de mostrar ao outro que não

é dessa forma que imaginam, isto é, cuidar do filho surdo requer muito mais energia, atenção e dedicação do que um trabalho remunerado. Abandonar os sonhos para viver pelo filho é um ato de amor e merece total respeito.

Essas pessoas tiveram de fazer uma escolha que, para muitas, não se tratava de uma escolha fácil, abrir mão de cuidar de si mesmas, ou lutar pelo sonho de realização pessoal, por exemplo, um trabalho com satisfação pessoal. Tiveram que priorizar o bem-estar e o cuidado do filho, colocando-o em primeiro lugar. Para muitas foi uma decisão bem difícil, algumas não aceitaram bem a mudança de vida e delegaram a outras pessoas a responsabilidade de cuidar da criança; isso se tornou um desafio, uma oportunidade de superação pessoal, mas para todas elas havia um fato em comum que gritava diante de cada olhar: a falta de determinação de tempo para si mesmas.

Conhecer essa realidade, deixou-me mais interessada em propor e tornar encontros mais atrativos para este grupo, tornando aquele tempo de espera pelo filho mais prazeroso, onde elas pudessem descobrir o autocuidado, sem deixar de se sentirem menos importantes em aproveitar esse tempo vazio para proporcionar o próprio cuidado e por escolher cuidar do filho, deixando de lado atividades que antes eram focadas somente em si mesmas.

Eu me coloquei no lugar dessas mães e minha percepção foi de um tempo vazio e que poderia ser preenchido com atividades, favorecendo a melhor vivência desse tempo de espera.

Acompanhando num primeiro momento essas pessoas, mães e pais, observei que eles começaram a se organizar entre eles por meio de subgrupos, entendido como uma forma de preencher o tempo e não vivenciar a ociosidade, observando que foi um movimento espontâneo de preencher o tempo, a ociosidade, gerando subgrupos de caráter “panelinha”, competindo entre eles de uma forma não consciente das consequências. Essa situação gerou conflitos entre eles, com depreciação das demais pessoas por meio de constrangimentos verbais, gerando um clima de tensão e com expressão de mal-estar.

A pergunta era: por que a ocorrência destes fenômenos e dinâmicas, quais as motivações, por que estas escolhas depreciativas?

Era necessário trabalhar esta situação, pois refletia negativamente nas relações interpessoais com a instituição, professores, profissionais que atuam na instituição além da repercussão nos demais clientes.

Tomei a decisão de escrever um projeto para apresentar à supervisão do curso de Formação em Psicodrama e para a superintendência da Derdic para receber o aval e realizar um programa de intervenção grupal com estas pessoas.

1.1. O Projeto e a Pesquisa

Este projeto propõe estudar a transformação da ociosidade deste tempo passado diariamente somente na espera, em encontros de aprendizagem e ganhos pessoais por meio de uma pesquisa-ação, pesquisa de caráter qualitativo.

A pesquisa-ação é uma estratégia metodológica de pesquisa social [...] Como a pesquisa-ação, o Sociodrama proporciona maior conhecimento aos seus pesquisadores assim como também proporciona aumento do nível de conhecimento das pessoas ou grupos envolvidos (THIOLLENT, 2003 *apud* RAMOS, 2008, p. 47).

O objetivo dessa pesquisa é justamente estudar como o Sociodrama é o método adequado para a intervenção em grupos que estão vivendo diariamente um período de tempo caracterizado pela ociosidade, definido anteriormente como um tempo vazio, criando a formação de relações complementares com vivência de troca de experiências agregadoras saudáveis.

E com este aprendizado de relações complementares saudáveis, poder transferir esse conhecimento para as relações tanto entre eles, como com seus filhos, familiares e comunidade.

A questão da ociosidade estava clara, mas à época da pesquisa eu só entendia da intervenção para a transformação da situação em algo mais interessante e prazeroso. Eu não havia elaborado o conceito de ócio; este só vim a conhecer já durante a escrita desta monografia. Sem dúvida alguma, se eu soubesse mais a respeito, teria introduzido este elemento no processo.

No entanto, mesmo sem dominar este conhecimento, pesquisei com o grupo quais seriam alternativas criativas para aqueles tempos de espera do filho.

O presente estudo utiliza como método o Sociodrama. A escolha desse método deu-se pelo interesse em trabalhar questões nas quais o grupo fosse protagonista e não somente um indivíduo na qual o método de pesquisa é o Psicodrama.

O grupo apresentava semelhanças de papéis entre os indivíduos e se reunia num determinado tempo por conta de uma atividade em comum, isto nos levou a crer que a escolha mais adequada para o momento seria a metodologia Sociodramática que possibilitaria maior compreensão grupal, abrangendo temas de acordo em comum.

1.2. A ociosidade e o ócio

Quando me deparei com estes conceitos “ociosidade” e “ócio”, já na escrita desta monografia, decidi que iria trazê-los para esta escrita como um avanço para intervenções em grupos de sala de espera, para pessoas que aguardam horas pelo acontecimento de um evento.

A ociosidade tem um valor muito negativo na nossa cultura, referindo-se sempre à falta do que fazer e à preguiça.

O dicionário define ociosidade como “característica, condição ou particularidade de ócio; desocupação, inativo. Ausência de disposição; falta de empenho; preguiça”. Além disso, define o antônimo de ociosidade como “ocupação, trabalho”¹.

Essa definição faz parte de uma conserva cultural e de valores presentes na atualidade, na qual não se vê ocupação ligada a atividades de trabalho há um olhar conservado como momento ocioso e mal aproveitado, definindo o indivíduo como preguiçoso e desocupado.

Já o ócio nos tempos atuais é definido:

Segundo De Masi (2003) para a sociedade, cada um é aquilo que faz segundo a atuação ligada ao trabalho, ou seja, se um indivíduo trilha esse caminho será definido como um trabalhador, mas o indivíduo não é igualmente definido por seus momentos de lazer com família, amigos ou consigo mesmo.

¹ Disponível em: < <https://www.dicio.com.br> >. Acesso em: 23/06/2018.

De Masi (2003) faz referência a Maslow que, no seu livro *Motivação e Personalidade*, diz que o homem faz suas escolhas de ocupação de acordo com uma ordem de prioridades e hierarquia de suas necessidades, sem deixar de preservar e manter o padrão comum entre a sociedade onde vivencia determinada cultura.

Segundo Cubo (2018), o Ócio é considerado sustentado pelo lado humanístico como diferencial, pela capacidade de gerar significado no meio das experiências, resultando no desenvolvimento pessoal daqueles que a experimentam; seu potencial abre horizontes de compreensão e conhecimento, possibilitando o encontro que sempre se entrelaça com a vida dos outros.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Jacob Levy Moreno

Em 20 de maio de 1892, nascia Jacob Levy Moreno, na cidade de Bucareste, na Romênia. Era de origem judaica (sefardim). Sua família veio da península ibérica e radicou-se na Romênia, na época da Inquisição. Sua mãe, Pauline Lancu era uma mulher afetuosa e socialmente ativa, cheia de sonhos e ideias, sempre de bom humor e sabia falar mais de um idioma. A ela cabia a transmissão das tradições judaicas no lar. Seu pai, Moreno Nissim Levy, era sério e autoritário, ausentava-se com frequência de casa, quando não viajava mantinha fortes relacionamentos sociais longe de casa e ao que parece a relação familiar não era muito boa e iniciou sem sucesso diversos negócios.

Quando adulto e após um longo período de dedicação à espiritualidade, Moreno decidiu entrar para a universidade, iniciando primeiramente os estudos em filosofia e foi lá que conheceu Chaim Kellmer, onde teve uma amizade duradoura e que proporcionou bastante influência em sua vida. Neste período, seu passatempo predileto era caminhar pelos parques da cidade, reunindo crianças e formando grupos de brincadeiras de improvisação junto a Chaim.

Entre 1908 e 1914, Moreno e cinco seguidores que compartilhavam suas ideias, viviam na comunidade. Não aceitavam remuneração por seus serviços e tudo que recebiam como gratificação ia para a Casa do Encontro, um local criado para abrigar refugiados que, nos anos tumultuados precedentes à Primeira Guerra Mundial, transitavam por Viena em busca de um novo lar nas Américas ou em Eretz Israel.

A Casa de Encontro era um local onde as pessoas eram ajudadas e assistidas pelo tempo necessário. Todas as noites havia sessões de “grupos de encontro” em que eram discutidos os conflitos existentes. Após compartilhar os sentimentos, as pessoas cantavam e dançavam e os encontros eram uma experiência de muita alegria.

Essas reuniões foram os modelos dos grupos de encontro que se espalharam mais tarde pelo mundo. Em seguida, Moreno estendeu este método de terapia a um dos grupos mais problemáticos da sociedade: o das prostitutas. Assim elas puderam

ajudar-se mutuamente. Conseguiram advogados para defendê-las e médicos para tratá-las. Eram realizadas reuniões frequentemente; as garotas se animaram quando entenderam o propósito das reuniões. As garotas dispuseram-se a pagar um valor para suprir as despesas com esses encontros, o que fez com que Moreno notasse que um indivíduo poderia ser agente terapêutico para o outro e as potencialidades de uma psicoterapia de grupo em nível de realidade cristalizavam-se na mente de Moreno.

No ano de 1920, Moreno publica “As Palavras do Pai”, este livro é considerado uma das mais fascinantes obras dele, por conta da filosofia que pregava, filosofia da co-criatividade e da co-responsabilidade. Nesta obra é possível encontrar os principais conceitos da teoria de Moreno, como por exemplo, a realidade suplementar, espontaneidade, co-responsabilidade, e co-criação, e “Encontro” do Eu do Tu como base de encontros significativos.

Muitos de seus seguidores acreditam que “As Palavras do Pai” seja a melhor obra já escrita por Moreno, criada numa época de grandes conflitos de ideias consigo mesmo foi considerado por seus inimigos uma prova concreta que evidenciava o que acreditavam ser desequilíbrio mental.

Fundou, em 1921, o Teatro Vienense da Espontaneidade que tinha como proposta criar uma representação espontânea, sem texto pronto e decorado, com os atores criando no momento e assim relacionando-se com a plateia. A partir daí ele criou o “jornal vivo”, em que dramatizava as notícias do jornal diário junto com o grupo participante.

Certa noite, Moreno subiu ao palco e, vestido de bobo da corte, convidou a plateia para participar, no palco, e lá estava um trono, uma coroa e um manto. Moreno disse à plateia que procurava uma pessoa para assumir aquele posto, uma pessoa que assumisse a liderança não por vontade própria, mas sim por emergir de um todo, de forma natural. Nesse dia, a plateia que assistia essa apresentação não entendeu esse novo jeito de fazer teatro, era uma novidade para todos, e muitos de irritaram, deixando o teatro. Moreno ficou muito decepcionado, mas estas experiências constituíram a base de suas ideias do Psicodrama e do Sociodrama.

Moreno tinha como foco mudar a ideia da população diante das conservas culturais, mas percebia o quanto era difícil mudar a atitude da plateia e dos que costumavam criticá-lo.

Criou um novo grupo de teatro em torno de 1922, achou uma maneira alternativa de lidar com a recusa da população diante da novidade do teatro espontâneo. Faziam redramatizações de notícias diárias, usando uma técnica chamada “Jornal Vivo”. O teatro funcionou, agradou a imprensa que fez críticas favoráveis a respeito dessa apresentação.

Um caso importante a se relatar aqui é o processo terapêutico que Moreno criou com o casal Bárbara e Georg. Bárbara atuava sempre com papéis meigos, alegres e amáveis, mas em casa sua personalidade era outra, agressiva e muito agitada. Certo momento, num ato de desabafo, Georg comentou com Moreno o fato. Então, Moreno deu papéis agressivos a Bárbara que aceitou e atuou de forma intensa, fazendo a plateia realmente acreditar. Desde então, Bárbara, aos poucos, foi mudando o seu jeito agressivo e agitado dentro de casa. Em outro momento, Moreno convidou Georg para participar das atuações junto com Bárbara e eles trouxeram ao palco suas histórias. A partir daí, a relação do casal só melhorava, os encontrou e relatou a história de sua cura.

Nos anos da Segunda Guerra Mundial, a sociometria, a terapia de grupo e o psicodrama tiveram aplicações práticas e um importante reconhecimento. Os funcionários da Cruz Vermelha recebiam treinamento psicodramático e sociométricos para tornar mais humano seu atendimento. Essas técnicas tiveram também um papel importante nas Forças Armadas britânicas, pois foram usadas na seleção e no treinamento de soldados para reduzir as perdas por problemas psicológicos. A psicoterapia de grupo tornou-se o tratamento preferido nos hospitais militares, não somente em vista do custo mais baixo, mas por se tratar de uma terapia eficaz.

Moreno tinha como modelo Jesus Cristo, identificava-se com ele na maneira como agia em transmitir sua palavra.

No ano de 1936, Moreno muda-se para Beacon House e foi lá que deu início à construção do primeiro Teatro de Psicodrama.

Em 1949, Moreno casou-se com Zerka e os dois tiveram um filho, chamado Jonathan. Seu filho foi educado com técnicas psicodramáticas e *role-playing*. Ao

utilizar por exemplo a inversão de papéis, Moreno deixava claro, tanto para ele quanto para seu filho, uma nova forma de percepção do outro, um jeito que direcionava o outro: a empatia

No final de sua vida, teve o reconhecimento oficial de todo seu percurso, desde a Universidade em Viena onde recebeu um diploma honorário, passando por muitas homenagens e condecorações na Espanha e nos Estados Unidos.

Moreno morreu em Beacon, em 14 de maio de 1974, aos 85 anos de idade e pediu que em sua sepultura fossem gravadas as seguintes palavras:

“Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria”.

O último projeto intelectual de Moreno foi escrever sua autobiografia. Depois da reunião internacional de psicodrama em Amsterdã, em 1971, iniciou seu projeto, escrevendo principalmente fatos que ocorreram nos seus primeiros anos. O livro, inacabado e não publicado, está escrito no autêntico estilo moreniano, uma história para ser contada sob uma árvore num jardim, é uma colagem de histórias, pensamentos e anedotas, mas, sobretudo um testemunho da vida ativa e produtiva de Moreno.

Cultivava a ideia de um universo primordial, onde se situavam os modelos de um mundo melhor. Queria mostrar como um homem com sinais de paranoia, megalomania, exibicionismo e outras formas de desajuste individual e social não era um doente mental, mas podia ser alguém controlado e saudável. E podia ser mais produtivo se “representasse” seus sintomas, como um ator numa peça, em vez de reprimi-los ou resolvê-los. Nisso ele antecipava o papel de protagonista do psicodrama de sua própria vida.

2.2. A Socionomia

Na visão Moreniana, o homem é um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver sendo apto para conviver com os demais “[...] A Socionomia estuda o homem em relação, ou seja, a inter-relação entre as pessoas constitui seu eixo fundamental. Sua definição vem do latim *sociu* = companheiro, grupo, e do grego *nomos* = regra, lei, que se refere ao estudo das leis que regem o comportamento social e grupal”. (GONÇALVES et al, 1988).

Segundo Moreno (1974), a Socionomia trata da ciência das leis sociais possuindo três bases de extrema importância: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.

Os ramos do sistema estão estreitamente relacionados entre si e cada um deles possui uma série de métodos. A sociometria utiliza métodos sociométricos, principalmente o Teste Sociométrico e o Teste Sociométrico de Percepção. A sociodinâmica emprega a interpretação de papéis. A sociatria utiliza, principalmente, a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama. (MORENO, 1974, p.33).

2.3. Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria

Sendo os três grandes pilares da Socionomia, é preciso defini-los e descrever seus fenômenos.

2.3.1. Sociodinâmica

“Seu estudo concentra-se no funcionamento das relações em grupo”. (GONÇALVES et al, 1988). O método de estudo é o *role playing* que propõe a atuação dramática de papéis variados, o que leva o grupo a ações mais espontâneas e criativas. Moreno (1974) define este estudo como ciência dos grupos sociais, isolados ou unidos.

2.3.2. Sociometria

Moreno (1992) refere-se à sociometria como instrumento que mede a verdade social sobre sua estrutura e conflitos e a mudança social pode ser direcionada através de métodos psico e sociodramáticos [...] ele também define como estudo das métricas sociais.

Fator constante na vida e obra de Moreno, sua preocupação com os aspectos sociais vai levá-lo a considerar e a propor a revolução sociométrica. Busca construir um método experimental para as ciências sociais, pelo qual possa encorajar cada indivíduo a encontrar sua família sociométrica. Com essa proposta, cria o teste sociométrico: um instrumento de pesquisa, realizado a partir do interior do grupo, que visa confirmar a existência de certos padrões característicos da organização grupal, suas expressões e configurações no momento da aplicação, a interdependência entre a qualidade dos vínculos e as suas ações produzidas. (KAUFMAN, 1998, p.38).

Tem por objetivo medir as relações entre as pessoas e seu método é o *teste sociométrico*, cuja aplicação criteriosa possibilita qualificar as relações estudadas. O teste sempre deve ser aplicado de forma integral para que possa ser elaborado adequadamente pelos elementos do grupo. (GONÇALVES et al, 1988, p. 42).

2.3.3. Sociatria

Referem-se a este estudo como a terapêutica dos relacionamentos sociais, tendo como métodos morenianos a Psicoterapia de grupo, o Psicodrama e o Sociodrama. (GONÇALVES et al, 1988).

Sociatria é a sociometria aplicada. As psicoterapias de grupo são subcampos da sociatria, assim como esta abrange também a aplicação dos conhecimentos a grupos “a uma certa distância”, a relações intergrupais e à humanidade como unidade total. (MORENO, 1993, p. 374)

A Sociatria é a sociometria terapêutica. É a ciência pura, tanto quanto a sociometria. [...] A sociometria tanto pode ser sociatria aplicada quanto a sociatria pode ser a sociometria aplicada. Uma é a função da outra. São diferentes quanto às noções, mas não quanto a funcionamento concreto. (MORENO, 1992, p. 216).

2.4. O Sociodrama

O Sociodrama é um método que possibilita o processo de transformação de um grupo; possui poder de interferir no macro, por meio dos trabalhos com grupos menores, pois os indivíduos levarão seus conhecimentos e aprendizados de forma consciente ou inconsciente para seu convívio social, interferindo de forma direta ou indireta em grupos maiores da sociedade, começando pelo grupo familiar e grupo de amigos, estendendo-se por meio deste e assim por diante.

Moreno (1993) acreditava que o Sociodrama e seus fenômenos trabalha as relações intergrupais, de ideologias coletivas, de maneira profunda por meio da ação no momento presente, com o objetivo de proporcionar novas respostas a conflitos existentes.

O vocabulário “sociodrama” tem duas raízes: *socius* que significa o sócio, o outro indivíduo, e *drama*, que significa ação. Sociodrama significaria, pois, ação em benefício de outro indivíduo, de outra pessoa. (MORENO, 1993, p, 411).

O procedimento na elaboração de um sociodrama difere, de várias maneiras, do procedimento psicodramático. Em sessão psicodramática, a atenção do diretor e de seus ajudantes está centrada no indivíduo e em seus problemas particulares. [...] O verdadeiro sujeito de um sociodrama é o *grupo*, que não é limitado por número especial de indivíduos. Podem ser formados por quantas pessoas viverem em determinado local no mundo ou, pelo menos, por quantas pessoas pertencerem à mesma cultura. (MORENO, 1992, p. 188).

O sociodrama tem o objetivo de evidenciar uma ordem lógica histórico-social-cultural por meio de métodos dramáticos, o ser humano ao jogar com papéis evidencia isso no momento da ação. É possível perceber nas vivências sociodramáticas, por meio de pequenos grupos, a forte influência do contexto social, pois esta é explicitada no momento em que o grupo entra em ação dramática. (MARRA, 2004 *apud* RAMALHO, 2008, p. 129).

O Sociodrama, por sua vez, advém de acontecimentos sociais, de um mundo de relações coletivas, e possibilita que cada sujeito se coloque vivencialmente ou subjetivamente, relacionando-se com uma realidade que é de todos; resulta num movimento “de fora para dentro”, buscando subjetivar a realidade objetiva. (RAMALHO, 2008, p 126).

2.5. Conceitos

2.5.1. Grupo

O Sociodrama apoia-se no conceito de grupo, seu objeto de intervenção. Para tanto, é preciso definir grupo e seus fenômenos.

Moreno (1974) considera a coesão interna e a diferenciação de *status* características de um grupo, bem como o interesse comum de atividades e a integração dos indivíduos. Ele faz distinção do grupo normal com um grupo terapêutico, neste último é necessário maior interação ligada à espontaneidade, assim como a liberdade entre eles. No grupo terapêutico é considerado indispensável a igualdade de status.

Um aglomerado de pessoas distingue-se de um agrupamento ocasional, tornando-se grupo quando há objetivo em comum dos indivíduos envolvidos e este

compartilhado num momento de interação. O grupo carrega consigo dimensões individuais, culturais e sociais, bem como mitos e valores. A família é considerada um grupo primário, responsável por instituir as primeiras relações sociais, momento característico da primeira absorção interna do que se refere a socialização; já os demais grupos, que se estabelecem após os primeiros contatos familiares, são considerados secundários por tratar-se da ampliação dos primeiros contatos, como exemplo citamos os grupos de estudos, trabalhos e amigos. (MARINO, 1998-1999).

Para Datner (2006), os grupos possuem três forças que podem se tornar protagonistas ao longo da convivência: a aceitação, a rejeição e a indiferença. O equilíbrio dessas forças distingue-se em determinados grupos, por isso, pode-se dizer que grupos não são estáticos. Para obter bom planejamento de grupo é necessário ter uma boa leitura deste, assim como seus fenômenos e funcionamento das redes.

2.5.2. *Matriz de Identidade*

A Matriz de Identidade refere-se à raiz da história de um indivíduo, ou seja, inicia-se enquanto ainda é um bebê, fase que constitui a formação psicológica que dará embasamento a todos os outros papéis. (GONÇALVES et al, 1988). Segundo Moreno (1993), a criança não distingue a diferença entre próximo e distante, ela perceberá a diferença ao longo de seu desenvolvimento, começando a se atrair por pessoas e objetos ou se afastar deles, sendo o primeiro reflexo social do indivíduo.

A matriz de identidade é a placenta social da criança, o *locus* em que mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia. O mundo em torno dele é denominado o *primeiro* universo, porquanto possui muitas características que o distinguem do outro, o segundo universo. (MORENO, 1993, p. 114).

2.5.3. *Teoria de Papéis*

Como o próprio termo teatral refere-se a papel, Moreno descreve dizendo que Papel pode se referir a assumir um personagem como no teatro ou uma função na realidade social, como brincar de ser alguém que admira, no papel de um personagem ou assumir o papel social, como por exemplo, na função de médico. Ele ainda diz: “os

papéis sociais contribuem para se produzir o que denominamos ‘sociedade’” (MORENO, 1993, p. 23). Na teoria de papéis, o indivíduo leva consigo seus aprendizados; tanto na ação dramática, quanto no papel social, evidencia de acordo com o que acredita ser a função daquele papel.

Todo papel é fusão de elementos particulares e coletivos; é composto de duas partes – seus denominadores coletivos e seus diferenciais individuais. Pode ser útil, aqui, estabelecer a diferença entre *role taking*, *tomada de papéis* – que é a tomada de papel completo, totalmente estabelecido e que não permite ao indivíduo nenhuma variação, nenhum grau de liberdade, *role playing*, *jogo de papéis* – que permite ao indivíduo alguma liberdade e *role creating*, criação de papéis – que permite ao indivíduo alto grau de liberdade, como por exemplo, o *ator da espontaneidade*. (MORENO, 1992, p. 178).

Papel é a unidade de condutas inter-relacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social. [...] A função psicodramática é a contrapartida da função de realidade. Nos papéis sociais opera predominantemente a função de realidade, e nos papéis psicodramáticos, a fantasia ou função psicodramática. [...]. Tornando-se distintos na terceira fase da matriz, os papéis sociais e psicodramáticos mantêm sua tensão dinâmica, também formando cachos ou aglomerados que se transformam ao longo da vida do indivíduo. [...]. No contexto dramático, por meio do papel psicodramático, o protagonista reproduz aspectos seus e do grupo, torna-os presentes, está no lugar de elemento do grupo, é uma espécie de procurador do co-inconsciente. Assim, o significado de papel psicodramático, apesar da definição óbvia, compreende uma referência teórica muito ampla. (GONÇALVES et al, 1988, p. 68 -74).

2.5.4. *Papel Complementar*

O Papel Complementar tem grande influência na vida de um indivíduo, traz referências, podendo ser opostas às do indivíduo, mas também, trata-se de uma complementação do seu papel, como o próprio nome diz, um complementa o outro. A construção da identidade, o comportamento de uma pessoa se dá por essa complementaridade inter-relacional e que contribui ao longo do tempo na absorção de suas experiências, formando e oferecendo estabilidade à sua identidade. (GONÇALVES et al, 1988).

2.5.5. *Tele*

Tele é definida como um processo emotivo projetado no espaço e no tempo em que podem participar uma, duas ou mais pessoas. É uma experiência de algum fator real na outra pessoa e não uma ficção subjetiva. É outrossim,

uma experiência interpessoal e não o sentimento ou sentimento de uma só pessoa. Constitui a base emocional da intuição e da introversão. Surge dos contatos de pessoa a pessoa e de pessoa a objeto, desde o nível do nascimento em diante, e desenvolve gradualmente o sentido das relações interpessoais. O fator tele é considerado, portanto, o principal fator para determinar-se a posição de um indivíduo no grupo. (MORENO, 1993, p. 295).

Tele é empatia recíproca. Como um telefone, ela tem duas pontas. Estamos acostumados à noção de que os sentimentos aparecem dentro do organismo individual e que se apegam com maior intensidade às pessoas ou coisas no meio ambiente mais próximo. (MORENO, 1992, p. 159)

O *átomo social* de um indivíduo decorre de determinações sócio-econômicas e do fator Tele. [...] Para Moreno *átomo social* é a configuração Social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento. Em sua origem, compreende a mãe e o filho. Com o correr do tempo vai aumentando em amplitude com todas as pessoas que entram no círculo da criança e que lhe são agradáveis ou desagradáveis e para as quais, reciprocamente, ela é agradável ou desagradável. (GONÇALVES et al, 1988, p, 63).

3. MÉTODOS E TÉCNICAS

Assim como o Psicodrama trabalha a partir de um indivíduo protagonista dentro de um grupo, o Sociodrama é um método que propõe trabalhar um tema com um grupo como protagonista. (MORENO, 1992).

A seguir outros métodos de grande poder no que se refere a desenvolvimento de grupos.

3.1. Role-Playing

Moreno (1993) descreve que o homem é um interprete de papéis, que todo e qualquer indivíduo é caracterizado por um repertório de papéis, responsável por dominar seu comportamento, e que toda e qualquer cultura é caracterizada por um certo conjunto de papéis. Destaca o *role-playing* como um método para pesquisar mundos desconhecidos. (MORENO, 1974).

O *role-playing* é muito indicado para o trabalho com papéis com os quais há uma relação de resistência, impossibilidade ou cerceamento, assim como para o desenvolvimento da supervisão de relacionamentos profissionais, tais como médico-paciente, professor-aluno etc. (RAMALHO, 2008, p. 133)

3.2. Jogos

Pode-se definir jogo como momento de lazer que proporciona divertimento, brincadeiras, recreação e passatempo, regido por determinadas regra que incluem limites de tempo e espaço. O adulto, quando entra no mundo faz-de-conta, não se adapta muito bem, pois traz consigo comportamentos estereotipados, cristalizados, diferentemente da criança que, por sua vez, tem maior liberdade espontânea e criativa. (MONTEIRO, 1998).

Um jogo, para ser jogo, precisa de regras definidas, de jogadores e de um objetivo. Um jogo, para ser jogo, precisa ter estratégias, etapas definidas, um “passo-a-passo”. Um jogo para ser jogo, precisa instigar, emocionar, causar tensão produtivamente, atizar a curiosidade e percorrer a estrada do jogo como que atrás do destino; precisa provocar o riso, a alegria e emoções diversas e suscitar a atenção e a absorção, fazendo da concentração um

elemento fundamental. Mobiliza o ser por inteiro: as operações mentais, as emoções e os sentimentos, o corpo. Tanto a alegria como a tristeza, o sucesso e a frustração, dentre outros sentimentos. (DATNER, 2006, p. 27).

Segundo Yozo (1996), os jogos proporcionam formas de aprendizagem prática, trazendo consigo um desenvolvimento da sensopercepção e comunicação.

Moreno (1974) trabalhava com jogos de papéis para adentrar o mundo interno, o desconhecido, bem como para ampliar o autoconhecimento do grupo ou indivíduo.

Moreno, quando era criança, brincou com seus amigos enquanto seus pais estavam ausentes; nesta brincadeira, vivenciou o personagem de Deus e seus amigos de anjos. Uma das crianças no papel de anjo disse para Moreno voar, já que ele era Deus e no mesmo instante Moreno lançou-se do alto das cadeiras, onde estava assentado. Caiu chão, quebrando o braço. (MONTEIRO, 1998).

Moreno nos diz mais: que sua inspiração ao criar o psicodrama pode muito bem ter sido origem nesta sua vivência. As cadeiras empilhadas sobre a mesa em níveis diferentes podem ter sido o ponto de partida para sua ideia, no² futuro, dos vários níveis do cenário psicodramático [...] A expressão “jogos dramáticos” aplicada aos jogos no psicodrama obviamente deve-se ao fato de estes ocorrerem no contexto dramático, diferentemente de outros jogos, que se realizam em outros campos de ação, como o futebol, ou o xadrez (MONTEIRO, 1998, p. 166).

3.3. Técnicas

As técnicas são instrumentos utilizados pelo diretor de grupo, no intuito de explorar mais profundamente o protagonista na ação dramática. “Constituem interrupções do fluxo da ação dramática e retornos a ele, sendo realizadas pela direção ou autorizadas por ela, na vigência do contexto dramático”. (RODRIGUES, 2008).

3.3.1. Solilóquio

Esta técnica tem o poder de extrair pensamentos ocultos que um indivíduo tem num momento em que está contracenando; trata-se de expressar o que vem à mente

² Estava assim mesmo no texto original.

em um momento de ação real ou observação de ação de um grupo ou indivíduo em contexto dramático.

Sobre a utilização, caracterização e objetivo dessa técnica, diz Moreno: “é usada pelo paciente para duplicar sentimentos e pensamentos ocultos que ele teve, *realmente*, numa situação com um parceiro em sua vida, ou que tem *aqui e agora*, no momento do desempenho. O seu valor (do solilóquio) reside em sua veracidade. O seu propósito é a catarse”³(SANTOS, 1998, p,117).

É uma das técnicas verbais utilizadas para tornar expressáveis níveis mais profundos do “mundo interpessoal” do protagonista. Moreno refere-se à fala consigo mesmo [...] No Psicodrama, o cliente a utiliza para “reproduzir sentimentos e pensamentos ocultos que teve realmente em uma situação com pessoa relacionada a ele na vida, ou agora, no momento da ação dramática”. (GONÇALVES et al, 1988, p, 90).

3.3.2. *Inversão de Papéis*

No Psicodrama a técnica de *inversão de papéis* consiste em o protagonista tomar o papel do outro e este tomar o seu papel. Desta forma só há uma verdadeira inversão de papéis quando as duas pessoas estão realmente presentes. (GONÇALVES et al, 1988, p. 89).

Antes de tudo é preciso salientar que a inversão ou troca de papéis só ocorre quando as pessoas envolvidas estão de fato presentes [...]. Na técnica de inversão os clientes fazem o papel de seus antagonistas. Cada um desempenha o papel do outro. Em um exemplo deixado por Moreno, pai e filho trocam de papéis. Para o fundador do psicodrama, cada um vê o outro com os seus próprios olhos e com os olhos do outro. O que ele provavelmente queria dizer com isso é que a vivência psicodramática permite, nessa situação, que haja uma intuição a respeito do ser do outro. Entendida a troca de papéis como “vivência interna *simultânea* de dois papéis opostos”. Vivendo ao mesmo tempo o seu próprio papel e o de pai, o filho poderia desempenhar o papel à luz dessa experiência interna e fazendo-o de um modo tal que sua compreensão do pai se ampliaria, e o mesmo aconteceria com o pai. (GONÇALVES, 1998, p. 21).

³ A catarse como conceito foi introduzida por Aristóteles. Ele empregou o termo para expressar o efeito peculiar exercido pelo teatro grego sobre os seus espectadores. Na *poética* sustentou que o teatro tende a purificar os espectadores, ao excitar artisticamente certas emoções que agem como uma espécie de alívio, ou descarga de suas próprias paixões egoístas. MORENO, J. L. *Psicodrama*, 1993, pp 38

3.3.3. Duplo

[...] no Psicodrama esta técnica é feita pelo ego-auxiliar, ou algumas vezes pelo diretor, que expressa, num determinado momento, aquilo que o protagonista não está conseguindo expressar. Inicialmente o ego-auxiliar adota a postura corporal do protagonista, procurando ter com ele uma sintonia emocional. A partir daí, expressa questões, perguntas, sentimentos e ideias, fazendo com que ele se identifique com este duplo. (GONÇALVES et al, 1988, p. 87).

A técnica do duplo – a mais breve definição é que duas pessoas, A e B, tornam-se uma só. Isto é outra ilustração da lógica psicodramática. B age como duplo de A e é aceito como tal. O grau de não aceitação e o conflito daí advindo, entre o indivíduo e seu duplo é fase importante na catarse da dupla. (MORENO, 1994, *apud* CUKIER, 2002, p.309).

Esta técnica só é utilizada quando o protagonista está impossibilitado ou tem muita dificuldade para se expressar verbalmente. Nesse caso, um terapeuta na função de ego-auxiliar adota a mesma postura, expressão corporal e gesticulação do paciente, e fala a partir de sentimentos e emoções que capta. Trata-se, pois, de um procedimento que exige muita flexibilidade corporal e sensibilidade télica por parte do terapeuta. (GONÇALVES, 1998, p.18).

3.3.4. Técnica do Espelho

Esta técnica tem o poder de evidenciar para o indivíduo num papel de protagonista um olhar sobre si mesmo, proporcionando maior condição de autopercepção. Um ego-auxiliar evidencia sua percepção a respeito do protagonista e expressa seu comportamento, falas e movimentos na ação dramática, junto a outros egos-auxiliares que representam pessoas do seu convívio social ou de seu mundo interno, devendo estas representações serem o mais fiéis possível, enquanto o protagonista assiste toda a ação na plateia. (GONÇALVES et al, 1988).

Apesar das vantagens que possa haver em um indivíduo observar a si mesmo, a técnica exige muita preparação e cuidado para que o protagonista não se sinta caricaturado. Há variações da técnica do espelho que diminuem esse risco, além de não retirarem o protagonista de cena, quando não é desejável que ele se desaqueça para uma sequência de ações que vem desempenhando seus papéis. Numa das variações atualmente mais utilizadas, o cliente é mantido no espaço da dramatização, ao lado do diretor e apenas ligeiramente afastado da cena de que foi retirado. O protagonista observa a cena, onde às vezes não é necessário que um ego-auxiliar desempenhe o seu papel, pois as demais pessoas que o representam continuam a dramatização, concretizando aspectos seus ou referindo-se a

figuras de seu mundo interno ou de seu átomo social⁴. (MONTEIRO, 1998, p, 20).

A técnica do *espelho* 'retrata' a imagem corporal e o inconsciente de A a uma distância tal que este possa ver a si mesmo. O retrato é executado por um ego auxiliar, que já terá elaborado um íntimo estudo de A. O mesmo processo de espelhamento é aplicado a B, o outro elemento do A e B podem ver um ao outro no espelho dos dois egos auxiliares que os estão retratando. Na técnica do espelho, o protagonista é um espectador, um observador, ele olha para o espelho psicológico e vê a si mesmo. (MORENO, 1983, p. 67).

3.3.5. Concretização⁵

Seu objetivo é dar voz a objetos inanimados, ou a alguma parte do corpo, sentimentos, conflitos, vínculos, por meio da representação corporal ou por meio de imagem, fala ou gesto. (SANTOS, 1998).

A materialização, por exemplo do vínculo conflitivo por meio da representação pelo corpo do protagonista permite que se concentrem as sensações e as emoções presentes na relação, de modo a torná-las visíveis para o cliente, para os terapeutas e para o grupo. A concretização é utilizada, frequentemente, para o encadeamento de cenas. Por exemplo, recorre-se à corporificação pelo cliente de uma emoção. A pedido do terapeuta, no papel da emoção o paciente expõe uma situação vivida que apresenta uma articulação (ou sobredeterminação) com a cena inicial. Deste modo, o conflito subjacente pode ser dramatizado. (SANTOS, 1998, p. 122).

Trata-se da representação de objetos inanimados, entidades abstratas (emoções, conflitos) partes corporais, doenças orgânicas, através de imagens, movimentos e fala dramáticos, o que é feito pelo próprio cliente ou pelo ego-auxiliar. (GONÇALVES et al, 1988, p. 91).

3.3.6. Interpolação de Resistência

Trata-se de proporcionar uma nova vivência ao protagonista, por meio da modificação comportamental, em cenas do contexto dramático, que tendem a se

⁴ Átomo Social é um "conceito contextual que nasce da aplicação do teste sociométrico", tendo por base a "interpretação individual que a partir de um critério proposto para cada membro do grupo dá as suas relações com os demais".

⁵ Estava assim mesmo no texto original.

repetir, oferecendo um novo olhar para a experiência já vivida, o que proporciona uma nova resposta ao conflito existente.

Moreno utilizou esse nome para vários procedimentos técnicos, que têm em comum o fato de visarem “contrariar” disposições conscientes e rígidas do protagonista. Permitem ao cliente ter acesso a novos pontos de vistas, mais flexibilidade em suas posições relacionais e buscar caminhos mais produtivos para sua *tele-sensibilidade*. (GONÇALVES et al, 1988, p. 91).

3.4. Instrumentos

O papel de Diretor e Ego-Auxiliar são instrumentos de extrema importância, focarei a seguir em suas definições, evidenciando seus fenômenos.

3.4.1. Papel do Diretor

A atuação do diretor constitui vários procedimentos do início ao fim e, se empregados de maneira apropriada, é possível garantir uma base sólida de compreensão de todo o processo, tornando mais rica a compreensão se ele fizer referência à metacomunicação entre a plateia e o diretor, diretor e auxiliares e diretor e protagonistas. (AGUIAR; TASSINARI,1994).

Baptista (2008) descreve o Psicodramatista vinculado ao conhecimento do grupo a ser trabalhado, como seus vínculos e expectativas que inicialmente são guiadas pela sociometria moreniana, ou seja, de acordo com as escolhas referentes aos vínculos sociais do indivíduo, validando uma postura democrática.

3.4.2. Papel do Ego-Auxiliar

Esse papel tem definições diversas no que se refere à visão moreniana e se enquadra perfeitamente, se devidamente colocado ao momento apropriado. Moreno (1993) relata que este papel em relação ao seu envolvimento com o contexto dramático, quanto maior o contato íntimo do ego-auxiliar consigo mesmo maior será a compreensão e envolvimento com o protagonista a realidade exposta no aqui e agora, o protagonista se sentirá mais confortável ao perceber que tem alguém que o compreende e o acolhe podendo se expressar livremente e conseqüentemente obter

maior avanço no seu desenvolvimento. Moreno ainda diz que o ego-auxiliar tem um papel diferenciado do papel de diretor, que por sua vez tem como foco principal o papel de observador e analista; o ego-auxiliar também deve obter esse olhar, mas o seu papel principal precisa vestir-se de uma personagem a colaborar na participação, ou seja, colaborar como ator participante, ele precisa ter a sensibilidade de perceber o indivíduo e contribuir com o que este espera, sem deixar que este tome o controle deste momento. (MORENO,1983). “As funções do ego-auxiliar são triplas: a função do ator, retratando papéis requeridos pelo mundo do paciente; a função do agente terapêutico, guiando o sujeito; e a função do investigador social.” (MORENO, 1993, p. 19).

4. O PROGRAMA DE INTERVENÇÃO

Foi definido que o início do trabalho, o primeiro encontro, seria uma proposta de um Sociodrama com intuito de levantar temas para serem trabalhados nos encontros seguintes. Assim como Brito (2016, p. 28) relata, “Se partirmos do pressuposto de que cada pessoa e cada grupo de pessoas cria e/ou constrói seu próprio significado, cada pesquisador construirá uma definição singular de metodologia qualitativa”. Partimos desse princípio para realizar os levantamentos feitos neste encontro que acarretaram vários temas bem específicos, sempre ligados à situação do filho surdo. Importante ressaltar que o grupo manifestou dados do seu mundo interno e expressou a frequência de momentos emocionais, o que nos levou a perceber a capacidade de autopercepção do grupo.

Foram realizados 6 encontros, conforme contrato com o grupo, definido no primeiro dia. A cada encontro percebemos a diminuição de participantes. Iniciamos o primeiro deles com 17 participantes e finalizamos com 8, sendo que o grupo era aberto; logo tivemos participações de pessoas que não estiveram conosco desde o início. Cada participante tinha sua particularidade, alguns mais participativos e outros mais reservados.

Fizemos um levantamento de dados a respeito do grupo, para elaborarmos um trabalho eficaz. Em conversa com o Diretor de Ensino do Instituto Educacional São Paulo - IESP/Derdic, fui informada que outros trabalhos já haviam sido feitos com este grupo, mas a maioria dos participantes parava no meio do caminho por falta de compromisso.

Diante da rica oportunidade de atuação com grupo de mulheres e após autorização de minha liderança, convidei uma colega do curso para atuar comigo nessa nova jornada e assim proporcionar a oportunidade de atuação em dois papéis: Ego Auxiliar e Diretora.

A hipótese inicial era que estes conflitos teriam uma repercussão nas relações familiares, principalmente com seus filhos e estes na sala de aula.

Outra hipótese era que, enfocando o preenchimento das horas ociosas, estes subgrupos teriam como se ocupar durante a espera do filho.

A terceira hipótese era que uma intervenção sociopsicodramática pudesse valorizar as habilidades e competências dessas mulheres, levando-as a produzir ações que preenchessem a ociosidade e pudessem conviver em grupo com relações mais saudáveis, vivenciando melhor as relações complementares saudáveis.

A seguir, relatamos os 6 encontros. O primeiro deles foi para levantamento dos temas para os demais encontros e também teve o propósito de ilustrar um trabalho à luz do Sociodrama.

4.1. Os Encontros de intervenção de grupo

O PRIMEIRO ENCONTRO – 17 PARTICIPANTES

Nosso primeiro desafio, o primeiro encontro com o grupo de pais, sendo a maioria mulheres, envolvia o convite prévio; fizemos contato com as mães, informando local e horário do dia do encontro. Algumas estavam reunidas em subgrupos e a fala de uma delas era de participar do primeiro encontro, para definir a continuidade da participação dela nos demais.

Aquecimento

“Caminhar, pensar no fim de semana, reconhecer o espaço onde ocorrerá os encontros. Caminhar olhando para as outras pessoas. Observar o que há em comum nos olhares? O que mostra o jeito de andar?”

“Internamente pensar sobre: ‘o que espero desse grupo? o que as pessoas podem me oferecer? em que podem me ajudar? o que podem trazer de novidade?’”

Depois, com uma bolinha na mão, cada uma foi se apresentando e oferecendo uma qualidade pessoal ao grupo; quem terminava, passava aleatoriamente a bolinha a outra pessoa.

Com o intuito de fazer o grupo conhecer e refletir sobre o que há de comum entre os integrantes, dirigimos um jogo vivencial, fundamentado nos princípios da Sociometria de Moreno, que trabalha com as diversas possibilidades de arranjos por subgrupos, refletindo os diversos fenômenos que fazem o ser humano estabelecer

relacionamentos. Por meio de caráter lúdico, usando o movimento e critérios de subagrupamentos, fomos conhecendo cada uma delas e elas se reconhecendo e conhecendo as demais por região de moradia, estado civil, escolaridade do filho, quem trabalha e estuda, quem tem filho que estuda na Deric, qual diagnóstico do filho, qual é o tema mais comum entre elas etc.

Dramatização

Solicitamos que o grupo se dividisse em subgrupos; deixamos que o grupo fizesse sua escolha sociometricamente, de forma leve e natural, para que não houvesse desconforto, já que notamos a existência de subgrupos e possíveis conflitos interpessoais.

Passamos a seguinte consigna:

“Sobre o diagnóstico do filho pensar:

- 1- *Desafio* – levantar por meio da conversa em grupo as dificuldades enfrentadas.
- 2- *Ganhos* – Apesar de todas as dificuldades, o que foi possível aprender? O que teve de mudança positiva?”.

Após levantar essas informações, elaborar uma frase e uma imagem corporal, para os dois itens citados anteriormente e apresentar para os outros grupos.”

Primeiro fizemos todo o processo para o item 1 e depois para o item 2.

A ideia era primeiramente fazê-las identificar os desafios, pontuá-los com a finalidade de evidenciá-los e torná-los conscientes, para, em seguida, compartilhar em grupo e ouvir as demais experiências. Ao finalizarem este momento, o grupo elaboraria uma frase e uma imagem corporal que representassem os desafios de grupo, com relação aos cuidados do filho, a partir do diagnóstico até o momento atual.

Após todas as apresentações das frases e imagens corporais do grupo, solicitamos repetir o processo de reunião de grupos, para identificar os ganhos pessoais, o aprendizado, apesar dos desafios e dificuldades que encontraram no caminho, a partir do diagnóstico do filho. Em seguida, todos os grupos apresentaram

uma frase e uma imagem corporal que representassem o grupo, diante dos ganhos conquistados.

Compartilhamento

No compartilhamento, conhecemos as mães. Olhando de perto, elas são muito comunicativas e em vários momentos percebemos que o compartilhar se antecipava no momento da dramatização; ficamos atentas a isso.

Elas expressaram seus sentimentos e solicitamos uma palavra para avaliar como saíram do encontro. As palavras e frases foram: “Aconchego”, “União”, “Compreensão”, “tem mais alguém na caminhada”, “Emoção”, “Vontade de chorar por ver superação”, “Empatia.”

Processamento

O primeiro encontro com as mães / cuidadoras foi elaborado com a finalidade de apresentar o trabalho com o psicodrama e também de definir os temas para os próximos encontros.

No momento da Dramatização, colhemos dados que deram temas e encaminhamentos para os encontros seguintes.

Além disso, tínhamos a responsabilidade de agradar as mães, pois no ato da inscrição algumas se manifestaram dizendo que iriam participar do primeiro encontro somente para conhecer e ver se gostariam de continuar a participar dos próximos encontros.

Diretor / Ego: sentimentos e análise desempenho

Neste encontro, a minha colega assumiu o papel de Diretora e eu assumi o papel de Ego-auxiliar.

Ego-Auxiliar: Eu saí desse encontro extremamente satisfeita, não imaginava que seria tão legal, saí orgulhosa de nós duas, pois o objetivo proposto foi cumprido

e claro nossa expectativa também, apesar de ser um fato não tão relevante quanto o cumprimento do objetivo.

Leitura de Grupo

Sentimos o grupo curioso, bem participativo. No decorrer das atividades, pudemos perceber que o aquecimento foi eficaz, tudo fluiu muito bem, houve envolvimento e participação de todas neste dia.

O SEGUNDO ENCONTRO – 17 PARTICIPANTES

Tema: “Como aceitar?”

O tema deste encontro era: “Como aceitar?”, sendo o primeiro tema criado pelo grupo.

O objetivo deste encontro foi reviver o momento da gestação, do nascimento, desenvolvimento, trajetória até o diagnóstico do filho. As expectativas e frustrações da época para saber enfrentar, no presente, os sentimentos de culpa, julgamentos e pré-conceitos. As participantes demonstraram a necessidade de explorar mais tempo do encontro acerca do nascimento, focando assim na aceitação pessoal. Havíamos planejado expandir para a aceitação da família e sociedade, mas acabamos falando pouco disso.

Aquecimentos

Inespecífico - foi feito um resgate do encontro anterior, no qual foram escolhidos os temas de trabalho do grupo, a fim de aquecer e integrar novos participantes.

Específico - foi utilizado um iniciador interno que levou as participantes a imaginarem-se como “mamães pássaros”, vivendo em uma comunidade de diferentes espécies de aves. Elas estavam gerando um ovo e foram orientadas a prestarem especial atenção ao momento da gestação, aos sentimentos e expectativas presentes.

Para a dramatização, utilizamos uma cesta como objeto intermediário. Para Bermúdez (2016), este termo é historicamente vinculado a sessões de psicodrama, em que se utilizavam marionetes com psicóticos, com a finalidade de atrair a atenção deles. Mais para frente, foi descoberto grande poder de ação quando utilizado também com a finalidade de comunicação, dando voz ao objeto para expressar, por exemplo, sentimentos e pensamentos que não conseguem ser expressados ou compartilhados.

Dramatização

Uma cesta foi colocada no centro da sala, com um ovo, e as “mamães pássaros” montaram um ninho com representações físicas (pedras, flores, algodão, rolhas e papéis) dos desejos e expectativas para esse ovo, prestes a vir ao mundo. As falas foram: “muita saúde”, “muito amor”, “um lar forte e seguro”, “natureza”, “aquecer para sobreviver”, “união”, “paz no lar”, “força”, “guerreiro”, “não desistir”, “família”, “amar ao próximo”, “proteção”.

Após este momento, o ovo foi trocado por outro, com um passarinho saindo da casca. Com a finalidade de ajudar o grupo a dramatizar, a diretora iniciou a cena desse nascimento, de forma espontânea, e em seguida algumas participantes do grupo ofereceram-se para participar da dramatização e outras foram escolhidas pelas participantes em cena. Com a cena caminhando e o cenário pronto, as participantes incluíram os avós, tios e amigos.

A diretora sugestionou que havia algo de diferente com o passarinho que tinha acabado de nascer. Então, as pessoas começaram a comentar e os pais identificaram que ele tinha uma deficiência nas asinhas. A mãe mostrou-se preocupada, pois sem voar o filhote teria dificuldades para procurar comida. Neste momento, uma fala surgiu: *“a mãe terá que ir atrás”*.

Ao apresentar o filhote para os parentes e amigos, a mãe percebeu a rejeição da avó.

Na plateia, uma das participantes do grupo chorava e foi apoiada por outra participante, que demonstrou seu interesse em viver outra cena, pois a apresentada naquele momento estava diferente da realidade delas. As duas cenas seguintes contaram a história real do nascimento dos filhos dessas duas mulheres e, ambas

lamentavam a frieza dos profissionais de saúde e comentaram o desespero que sentiram de terem sido privadas do contato inicial com seus bebês sem receberem nenhuma justificativa por parte dos profissionais envolvidos. As duas mães vivenciaram uma cena reparadora.

Compartilhamento

As cenas foram repletas de falas e desabaços; muitas pessoas começaram a compartilhar suas histórias durante a dramatização, contando que passaram por situações parecidas.

Falaram sobre o choque da notícia da deficiência, outras do alívio, pois haviam sido preparadas para tal, desde o pré-natal; outras falaram da falta de apoio, da ignorância e preconceito de amigos e familiares. Entre elas, havia uma avó, que disse que a filha, mãe de um menino surdo, não aceitava a surdez da criança e tinha dificuldades de contato e comunicação com ele até hoje, que, por isso, ela, a avó, havia assumido a responsabilidade pela educação e desenvolvimento do neto.

Palavras de encerramento: “tranquila”, “entendendo mais”, “entender”, “aceitar”, “mais forte”, “maior certeza do caminho”, “decidida”, “comovida”, “aprender com cada um”, “aprendizado”, “aceitar”, “compartilhar”, “aprendizado”, “fortalecer”, “pensativa”.

Processamento

Percebemos nos relatos que as participantes do grupo aprenderam a entrar no mundo de suas crianças; com a vivência, notaram que, nesse processo, infelizmente muitas pessoas se afastaram ou elas mesmas tiveram a iniciativa de afastar pessoas de suas vidas por causa da ignorância e distinção que tinham no trato com seus filhos. Relataram a importância dessa atitude no processo de desenvolvimento dos filhos e não se arrependiam de deixarem de trabalhar e terem uma carreira, para investir no bem-estar de seus filhos, mesmo que para a sociedade isso não seja visto com bons olhos, conforme foi relatado por muitas delas, no momento do compartilhar.

Diretor /ego: sentimentos e análise desempenho

Diretora – “Eu achei um desafio e tanto dirigir esse grupo, pois nossa intervenção afetou o emocional das mães, de forma profunda. Senti-me bem, mas sem saber exatamente como lidar e qual rumo tomar em situações inesperadas e intensas. Mas tudo caminhou de acordo com o planejado”

Leitura de grupo

O grupo estava envolvido e participativo, mesmo quem não quis encenar contribuiu com suas experiências e com falas de apoio e incentivo. Com exceção de uma participante que não estava presente no primeiro encontro, e nesse observou todo o movimento, com o semblante reservado e não participou das atividades propostas.

O TERCEIRO ENCONTRO - 10 PARTICIPANTES

Tema: Há Esperança

Aquecimento

Para o aquecimento inespecífico, pedimos para as participantes caminharem pela sala, sem entrar em contato com as demais, somente consigo mesmas. Demos as seguintes consignas: “Análise como está o seu corpo, respiração, suas emoções. Tente se perceber e se pergunte: ‘Como eu estou? O que eu preciso desse grupo hoje?’ Assim que encontrarem uma resposta, parem de caminhar. Em seguida você falará para o grupo o que você precisa”.

No aquecimento específico, trabalhamos com uma inspiração do método “Jornal Vivo”, espalhamos manchetes com conteúdo da história da surdez desde a antiguidade até os dias de hoje pelo chão da sala e solicitamos que cada uma ficasse próxima da manchete que gostaria de conhecer mais a respeito. A partir daí, pedimos

para se juntarem com outras pessoas que escolheram assuntos parecidos. Formaram-se três grupos.

Dramatização

Para a dramatização, foi solicitado que os grupos menores justificassem a escolha da manchete; na sequência, solicitamos que montassem uma manchete única, por meio da junção de todas as manchetes escolhidas ou que escolhessem uma que chamasse mais a atenção do grupo. Depois solicitamos que imaginassem a notícia, para a construção de uma cena.

Um grupo apresentou uma cena por meio da junção das duas manchetes “Menina ouvinte de 10 anos ajuda corpo de bombeiros a salvar três crianças surdas” e “Crianças surdas dançam de forma sincronizada na China”.

O grupo seguinte apresentou a cena por meio da junção das manchetes “Idade Média - No Egito os surdos eram adorados, serviam de mediadores entre os Deuses e os Faraós” e “Aristóteles – Os que nascem surdos não possuem linguagem, não são capazes de racionalizar”.

O último grupo apresentou as manchetes “Em 1881 a linguagem de sinais foi proibida no Brasil. Os surdos continuaram a usá-la escondidos” e “Idade moderna: John Bulwer foi o primeiro a desenvolver um método para se comunicar com os surdos”.

O primeiro grupo apresentou uma cena em que crianças surdas estavam em uma academia, ensaiando uma coreografia junto com uma menina ouvinte que percebeu que o prédio estava pegando fogo e ajudou as crianças a saírem do prédio.

O segundo grupo apresentou a cena em que Aristóteles agia com preconceito, dizendo que surdos não eram capazes de pensar. A cena desenrolou com a família do surdo e o surdo provando que eles eram iguais a todos e não deviam fazer distinção.

O terceiro grupo mostrou a cena de uma criança surda pedindo água a uma ouvinte que não conhecia a língua de sinais. A dificuldade para se comunicar deixou a ouvinte desesperada; em seguida, a mãe da criança surda chegou e falou para a criança ouvinte se acalmar, pois sua filha só estava pedindo água.

Trabalhamos com uma adaptação do método “Jornal “ e as técnicas utilizadas durante as dramatizações foram: duplo, inversão de papel e concretização.

Compartilhamento

O compartilhamento ressoou muito sobre a cena de Aristóteles. Desta vez, houve a participação de um homem, pai de aluno, que comentou sobre as dificuldades que sua filha tinha para brincar com crianças ouvintes e da cultura que dita a regra de que os surdos devem se moldar ao mundo dos ouvintes e não o contrário.

Muitos disseram que ainda há pessoas como Aristóteles que acreditam que o surdo seja diferente, incapaz de agir com a habilidade comum no mundo ouvinte.

Seguem algumas frases citadas pelo grupo:

“Senti raiva por ver que tratavam pessoas como bichos”; “Eu quase fui isolada por causa da ignorância das pessoas (disse uma das mães, também surda) ”; “Ainda vemos Aristóteles”; “As crianças ouvintes quando estão com outras iguais desprezam minha filha”; “Por isso prefiro que fique sempre comigo”. “Tem gente que acha que minha filha é surda para nos ensinar a ser humildes, o que eu fiz? Que pecado cometi?”; “Estou aliviada em viver no tempo de hoje”; “Sempre encontro com Aristóteles”; “ Quanto a escolha de se inserir ou não no mundo dos ouvintes, a escolha deve ser do meu filho”.

Processamento

Focamos em um resgate histórico, para que todos refletissem sobre a evolução da surdez, com o passar do tempo, as conquistas e o que permanece presente até hoje. A ideia era também promover uma reflexão sobre o que é necessário para que haja um movimento, uma ação para que se conquiste algo no futuro. O tema “Há Esperança” surgiu a partir do reconhecimento de que, mesmo diante das dificuldades, é possível acreditar em um futuro melhor para seus filhos.

Diretora- “Gostei bastante do encontro, conseguimos atingir o objetivo proposto. Sinto-me cada vez mais adaptada e empática com as questões desse grupo.

Eu – Ego-Auxiliar – “Eu me senti bem nesse encontro, mais leve e utilizando mais a minha percepção e criatividade. A cada encontro me sinto mais familiarizada com a atuação do papel de ego e diretora”

Leitura de Grupo

O grupo está cada dia mais familiarizado com o Psicodrama, isso é importante para o seu bom desempenho e para que a criatividade e espontaneidade possam fluir naturalmente. Todos foram bem participativos, percebemos a agilidade de um dos grupos em elaborar uma cena, por meio de duas manchetes. As atuações em cena também têm melhorado, eles têm vestido a camisa, mas ainda continuam falando e tentando expressar o que pensam pela fala, no momento em que deveriam atuar. Porém, sempre que notamos, pedimos para que mostrassem a cena por meio da ação e não da fala.

O QUARTO ENCONTRO – 07 PARTICIPANTES

Tema- “Um dia de cada vez “

Objetivo do encontro: reconhecer e trabalhar as ansiedades, que impedem os participantes de viverem um dia de cada vez.

Aquecimento

Inespecífico - Foi realizado um aquecimento corporal, no qual a diretora narrou uma situação de atraso e as participantes passaram por algumas dificuldades e correria para conseguirem embarcar em um ônibus.

Específico - Foi utilizado um iniciador interno que levou as participantes a imaginarem-se em uma floresta, ouvindo sons e sentindo cheiros; em seguida chegaram a uma casa no centro dessa floresta, a casa eram elas.

Dramatização

A dramatização foi feita por meio do desenho da casa visualizada internamente que representava cada uma delas. Ao fundo havia uma música relaxante.

Solilóquios: “Desenhei uma casa bonita, calma, mas eu não sou assim”.
“Gostaria de ser! Eu fiz o que eu gostaria de ser”.

A segunda consigna⁶ foi colocar no interior da casa (com post-its) as preocupações e ansiedades que estavam dentro delas e apresentar ao grupo. Na sequência da apresentação de cada casa, o grupo foi compartilhando.

P1: “Desenhei uma casa como eu gostaria que fosse (falando de sua casa física), mas no momento ela está bem abalada. Na minha casa falta compreensão, esperança e paciência. Minha ansiedade é com a falta de evolução de meu filho, minha dificuldade é entender que não é de uma hora para outra”.

P2: “Minha casa falta tolerância e paciência, mas sobra cansaço. Fico com raiva das pessoas compararem o desempenho escolar do meu filho com o das crianças ouvintes. Minha ansiedade é para ele saber se virar, ele está crescendo e eu não confio em deixar fazer as coisas sozinho”.

P3: “Fiz uma casa que visitei quando criança, em Campos do Jordão, gostaria de voltar lá. Já eu, minha casa mesmo, é dura e fria. Sinto que é um castigo, que eu fiz algo errado! Não consigo olhar para o meu filho e aceitar que ele é surdo, dói, amo meu filho, mas rejeito a surdez. Ele é carente de mim, mas quero que ele seja independente, por isso sou dura com ele. O mundo não é adaptado para ele, sua deficiência não é visível, tenho medo dele ser agredido na rua por pensarem que ele está se fazendo de bobo. Não sei se algum dia deixarei ele sair sozinho”.

P4: “A minha casa é bem colorida, me senti feliz. Tem brigas, dificuldades, mas tento olhar para o lado bom. O pai do meu filho não liga muito para ele, mas o meu

⁶ Orientações ou pressupostos sobre determinado assunto ou atividade que devem ser seguidos para sua correta execução. Orientações, contrato

esposo faz o papel de pai. Peço a Deus sabedoria, amor e respeito. Minha ansiedade é para ensinar esses princípios para meu filho, que não é porque ele é surdo que as coisas devem ser do jeito dele”.

P5: “Estava desenhando e perdi a concentração, porque escutei o meu filho chorar aqui próximo. Eu não aceitava no começo, mas algo mudou e eu me apeguei a ele. Agora meu marido e outros filhos cobram a minha atenção. Minha ansiedade é conseguir equilibrar tudo isso, cuidar, dar amor e atenção da mesma forma para todos”.

P6: “Minha casa tem paredes firmes, é bonita por fora, mas está sem cor. Está com janelas e portas abertas, mas está quase vazia por dentro. Eu me preocupo com minha situação no futuro, se minhas filhas estarão perto de mim, se serão fortes. Tenho medo de ficar sozinha, se o que eu faço aproxima ou afasta as pessoas. Também no meu casamento, se estou fazendo algo errado, será que o que eu faço hoje está valendo a pena?”.

P7: Era o esposo da P6, observou tudo de fora, não quis participar.

Compartilhamento

Falas do grupo:

“Senti um peso nas costas”; “Senti-me feliz”; “Minha palavra é *menos*”; “Cada pessoa tem o seu tempo”; “Levei um ano para aceitar que eu era mãe e depois veio a surdez dele”; “Meu filho teve meningite, quase morreu, mas Deus devolveu ele pra mim, surdo e sem falar, mas devolveu”; “Pode não aceitar, mas não passe esse sentimento para a criança”; “Não escolhemos a surdez, mas escolhemos ser mães”.

Processamento

A diretora apresentou o conceito de ansiedade e falou de algumas técnicas para diminuí-la. Na sequência, solicitou que pensassem nas preocupações e ansiedades que fazem e que não fazem sentido. Quais estão em nossas mãos resolver, e quais não estão. Quais são reais, mas estão no tempo errado. Após essa

avaliação, pediu que movimentassem essas ansiedades (as que não fazem sentido) no centro das casas.

O tempo estava estourado e o exercício ficou para ser terminado em casa.

Diretor/Ego - Sentimentos e análise desempenho

Eu-Diretora- “Gostei bastante, meu comportamento foi muito espontâneo no aquecimento e na dramatização, me senti muito feliz com o resultado”

Ego-Auxiliar –“ Estava muito frio e foi complicado chegar até o local, acredito que por isso vieram poucas pessoas no dia. Fiquei um pouco frustrada a princípio, pelo número de pessoas, mas acabou se tornando mais aconchegante, é um grupo que tem muita necessidade de falar e podemos proporcionar esse espaço para elas. Fiquei feliz por isso! ”

Leitura de Grupo

As participantes chegaram dispostas para o aquecimento corporal. Tinha uma mãe de primeira vez e outra de segunda vez, essa, em seu primeiro encontro, não participou das atividades e saiu antes que pudéssemos falar com ela, parecendo incomodada. Dessa vez, ficou no celular durante todo o aquecimento, mas aceitou fazer a casa e fez um depoimento muito sincero, também contou sobre a história do nascimento de seu filho, principal assunto do encontro em que ela apenas foi ouvinte. Durante sua apresentação (P3), algumas mães manifestaram incômodo, a diretora e a ego acolheram as declarações da P3 e orientaram as participantes quanto ao compartilhar.

O esposo de uma das mulheres ficou apenas observando, deixamos aberto para ele participar caso quisesse.

O QUINTO ENCONTRO – 5 PARTICIPANTES

Tema- “Tem um futuro”

Objetivo do encontro - No papel de cuidador (a):

Gerar consciência das atitudes de hoje que determinam o futuro, ser protagonista da própria história.

Aquecimento

Inespecífico - Levamos o grupo a pensar no significado que o tema tem para elas. A diretora conduziu o grupo com as perguntas:

“o que esse tema te faz pensar?”

“quando falamos em futuro, pensamos no futuro de quem?”

“tem como pensar no futuro sem pensar no presente?”

“surge alguma cena ou imagem na mente?”.

A Diretora fez essas perguntas e solicitou que o grupo refletisse enquanto ela repetia as palavras “Tem um Futuro”.

Por meio de uma conversa, verificou-se o desejo do grupo com relação ao trabalhar o futuro ou o presente. O grupo manifestou-se, dando importância ao Tema Futuro e mostrou preocupação com o futuro do filho.

Específico- Neste ponto a diretora solicitou ao grupo a manifestação da sensação que surgiu ao refletir sobre esse tema.

“Levante, imagine que aquela parede é o futuro que deseja alcançar. Sinta como seu corpo reage, qual movimento seu corpo gostaria de fazer”.

“Como se movimento em direção a esse futuro e em que posição você se encontra”.

Para mensurar a sensação que esse assunto trazia para cada um, utilizamos uma régua imaginária no chão, marcamos com objetos seu início, meio e fim.

Foi passada a seguinte consigna:

“Identifique e questione essa sensação. Ela é agradável, ruim ou neutra?”

Demos exemplos de como se posicionar para melhor compreensão.

Todos se mantiveram mais próximos do lado da régua que representava a sensação mais agradável.

Em seguida, a diretora pediu para cada um fazer um breve relato do futuro e, por meio dos relatos, solicitou por medida sociométrica que cada um colocasse a mão no ombro da pessoa que contou seu desejo de futuro. Fez-se um sociograma diante desse critério, que nos levou a trabalhar com uma integrante do grupo.

Dramatização

A diretora pediu para a participante relatar o seu futuro desejado, solicitou antes de começar a cena, onde ocorreu a cena, o que havia no local.

“O meu futuro não é muito distante, estou levando meu filho à escola, ele já tem 10 anos”.

A cena desenvolveu-se com a mãe levando o filho para a escola e ao deixá-lo lá o grupo questionou: “Ele não te deu nem um beijinho de despedida?”

Em seguida, investigamos mais, em cena, o filho, seu comportamento e depois a mãe foi ao trabalho; sua função era ligada a limpeza de uma escola, preocupada com as questões familiares, medos e receios se distraiu e deixou o chão molhado. Uma criança passou correndo e caiu. O que fazer?

A diretora do colégio propôs que ela fosse junto levar a criança ao médico, pois a responsabilidade foi dela, mas já era hora de buscar o filho na escola e ela se negou a ir. Um inspetor de aluno apareceu e a diretora do colégio propôs, então, que ele fosse junto com ela.

A diretora resolveu trabalhar a cena de outra participante, que relatou o mesmo futuro desejado, ou seja, levou o filho de 10 anos à escolinha de surdo e foi embora tranquilamente, dizendo que não havia com o que se preocupar, que o mais difícil já tinha passado. “Me sinto mais confiante”, ela disse. A diretora perguntou para a criança como se sentia na escolinha e a criança falou que gostava de estudar lá; uma coleguinha surgiu, pedindo ajuda com uma lição e a criança, muito prestativa, ajudou essa colega.

Outra cena foi trabalhada, dessa vez uma mãe mostrou, em cena, seu desejo de ajudar outras mães por meio de palestras. Seu filho já tinha 22 anos e era

independente, assim como demonstrava na infância. Ela mostrou isso contando, como se estivesse dando uma palestra; a ego surgiu, fazendo perguntas neste momento.

Dentro dessas cenas, foram utilizadas técnicas de duplo, solilóquio e inversão de papéis.

Compartilhamento

As participantes disseram as seguintes frases:

“Ao caminhar, senti meu corpo pesado, mas por dentro me senti bem”;

“Senti-me bem com a atividade, mas nunca estamos prontos, preparados. Sempre fiz tudo sozinho, comecei a trabalhar com 14 anos e logo comprei minha bicicleta. Quero que minha filha também conquiste o que deseja”;

“Preciso de mais confiança para buscar esse futuro”;

“Perdi tempo colocando minha filha na escola de ouvintes sendo surda, mas isso a ajudou a se envolver”; “Satisfação, minha filha encontrou o lugar certo”.

Palavras finais de cada participante, relatando como saíram daquele encontro:

“Diferente”, “confiança”, “aprendizado”, “confiança”, “aprendizado”.

Processamento

Fizemos as perguntas: “Futuro de quem? Por que decidiram pelo futuro do filho? Você pode determinar o futuro do seu filho? Que tipo de influência você tem exercido no seu filho? O que tem feito hoje que está te levando a alcançar esse futuro? As cenas apresentadas trazem algo coerente com a fala do desejo?”.

Em seguida, a diretora explicou e comentou sobre a leitura que tem tido sobre o grupo. Levou o grupo à reflexão com o seguinte relato:

“Posso até certo ponto influenciar o futuro do outro, mas não determinar.”

“Nas cenas vocês colocaram as angústias e inseguranças à mostra”.

A Diretora trouxe exemplos do que relatava em sua fala. Relatou que trabalhou em RH e com sua experiência falou que tinha notado que o mais difícil não era

desenvolver um funcionário, mas sim fazer com que o outro se relacionasse de forma saudável neste ambiente.

Contou sobre um relato de um conhecido sobre a dependência que um funcionário adulto deficiente tinha dos seus pais, para resolução de coisas simples no trabalho.

O grupo expressou: “Concordamos com você, o futuro do meu filho não pode ser determinado, mas é possível dar a base”.

“As nossas limitações não são as dos nossos filhos, temos que cuidar do nosso futuro para que possamos ajudar a desenvolver o futuro dos nossos filhos”.

Diretor/Ego - Sentimentos e análise desempenho

Eu – Ego –“ Senti-me bem, a condução do grupo foi, ao meu ver, muito adequada pela direção. Em vários momentos me vi atuando no papel de ego de forma criativa e espontânea.”

Leitura de Grupo

Notamos que mesmo o futuro sendo relatado como agradável, as cenas mostraram muito das angústias e receios do presente, a necessidade inconsciente de ter o filho por perto, de cuidar do filho a todo o momento, mesmo “no futuro” onde o filho seria mais independente.

O SEXTO ENCONTRO – 8 PARTICIPANTES

Tema –“ Entender. Tempo e Limite”

Objetivo do encontro - No papel de cuidador (a): Entender que cada pessoa (deficiente ou não) tem o seu tempo para o desenvolvimento, aprender a potencializar as conquistas, não as debilidades.

Aquecimento

Inespecífico - Solicitamos ao grupo que apresentassem brincadeiras infantis, com o objetivo de aquecer corporalmente, resgatar momentos e sensações da infância. Brincaram de “Vivo – Morto” e “Casa e Paredes”.

Específico - Seguindo os princípios morenianos do “aqui agora”, a diretora solicitou que os participantes voltassem às fases infantis e dissessem no que eram bons e quais eram suas principais conquistas. Eles falaram de brincadeiras que nas quais eram bons, seus desempenhos dentro de grupos e desenvolvimento escolar. A ego fez um quadro mostrando as diferenças no desenvolvimento de cada um, mostrando que aprenderam a ler, escrever, andar de bicicleta em idades diferentes, que uns eram mais focados e outros mais dispersos na escola, uns mais outros menos populares no grupo de amigos, enfim, havia papéis com melhor e pior desempenho.

Dramatização

Na 1ª fase, foi solicitado que o grupo desenhasse individualmente um barco e não mostrassem uns para os outros.

Na 2ª fase, foi pedido que formassem dois grupos e em quarteto desenhassem um barco; a folha rodava entre os participantes que podiam fazer um único traço por vez, passando, na sequência, para o próximo.

Na 3ª fase, o mesmo grupo deveria desenhar novamente um barco, com as mesmas regras da fase anterior, mas a cada participante foi acrescentado uma característica: o 1º era cego e não tinha o braço direito; o 2º era cego e não tinha o braço esquerdo; o 3º era mudo; o 4º não tinha os dois braços. (Foram utilizadas vendas e fitas para limitar os movimentos).

A técnica utilizada foi o solilóquio.

Compartilhamento

“No desenho individual, senti facilidade, por poder fazer do meu jeito. Em grupo foi péssimo, tínhamos diferentes noções de barcos”;

“Eu achei fácil, mesmo com as opiniões diferentes, eu queria que um detalhe fosse redondo, fizeram quadrado... Ok! Agora o último com aquelas limitações, aí eu sofri!”

“Horrível precisar de ajuda, senti desespero, mesmo sentada, parecia que eu ia cair”;

“Senti angústia por querer fazer mais e precisar do outro”;

“Senti medo, desespero”;

“Senti-me refém, por ver o que era preciso fazer e não poder falar”;

“Agonia! Sofri bullying no grupo (risos)”.

“Senti-me confortável, por ter recebido a ajuda necessária e ainda conseguir me divertir, mas a princípio me faltou até o ar”;

“Senti raiva, queria poder fazer mais. Mas, gostei da experiência”.

Processamento

O processamento foi feito por etapas, iniciando pelas diferentes percepções que o grupo citou em cada uma das etapas. Disseram que sozinho tiveram melhor desempenho, com pouca preocupação do certo e errado, eram as referências particulares que estavam presentes, as limitações foram manifestadas na relação com o outro, começaram a surgir comparações e ansiedade quando o outro não correspondia às expectativas de cada um.

Falaram que uns eram mais perfeccionistas, outros mais simples, uns mais adaptados com a atividade de desenhar, por praticarem com os filhos, outros “sem noção nenhuma” e que em grupo foi preciso respeitar os limites de cada um, mesmo quando a vontade era de tirar a caneta da mão da pessoa que fez “quadrado no lugar da bolinha”.

Nas primeiras fases, foi explicado que eles estavam trabalhando com as limitações naturais deles, foi retomado o quadro (feito no aquecimento específico) que pontuava as diferenças existentes naquele grupo. A ego explicou que durante o desenvolvimento a criança experimenta avanços e retrocessos e que cada pessoa vivencia esse processo de forma particular, isso aconteceu com eles! No primeiro ano de vida a aprendizagem faz-se sobretudo por meio dos cinco sentidos, depois por

meio da repetição do que se percebe, então entende-se que na ausência de um dos sentidos, por exemplo a audição, é natural que a criança dê respostas diferentes do esperado. A família e a escola devem oferecer estímulos para que a criança responda melhor.

A Diretora questionou ao grupo: “No terceiro desenho, aquele que foi acrescentado limitações para vocês, o grupo focou no que cada um podia contribuir ou no que não podiam fazer?”. Uma parte respondeu que a ansiedade estava em querer ver, em não ter os braços, já outra disse que focaram mais no processo e nos pequenos ganhos, não no resultado final. A ego questionou se na vida deles isso também acontecia. Responderam que na relação com os filhos muitas vezes faltava paciência, que com a atividade passaram a entender melhor os filhos. “Pego muito no pé da minha filha por não saber calçar os sapatos, ela não escuta, mas pode ver, posso fazer marcações na sola, ao invés de brigar com ela”; “Estou saindo daqui restaurada”; “A gente fala que entende, mas no dia a dia não é bem assim, agora consigo entender porque senti na pele”; “Tenho outra visão”.

AVALIAÇÃO GERAL DOS ENCONTROS – RELATOS DOS PARTICIPANTES

“Aprendi muito com os encontros, tive novas experiências internas e também coisas que tenho colocado em prática”;

“Sou muito insegura na vida, eu nunca tinha chorado na frente de estranhos, precisei chorar aqui para amolecer em casa, estou me relacionando melhor com a minha família. Através das conversas, dos desenhos, das encenações consegui olhar para dentro e viver de maneira mais leve, percebi que não preciso ficar com tanto medo de pensar no passado e futuro”;

“Eu era o único homem do grupo, aprendi a lidar melhor com a minha esposa e filha, entendi que não preciso ser marrento, posso chorar também”.

Diretor/Ego - Sentimentos e análise desempenho

Eu-Diretora – “O processo foi muito leve, me diverti dirigindo. Senti um pouco de dificuldades para conduzir o processamento, mas a unidade funcional trabalhou de forma complementar, uma auxiliando a outra”.

Ego-Auxiliar –“ Foi um dia muito gostoso, meu sentimento foi de dever cumprido, que fizemos a diferença na vida daquelas pessoas, e elas na minha. Olhando para todo o processo, posso dizer que foi muito desafiador, senti medo de errarmos e erramos, mas também acertamos e aprendemos muito”.

Leitura de Grupo

Estavam todos muito envolvidos, apesar das reflexões profundas que a atividade proporcionou, o processo foi leve, eles riram, ajudaram-se e as críticas foram construtivas de uns para com os outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizados os 6 encontros, feita a análise dos mesmos, observei que os encontros foram produtivos pela forma como trabalhamos. Isto é, iniciamos cada encontro com uma atividade dinâmica lúdica, com o objetivo de diminuir o campo tenso, propiciando espontaneidade de expressão.

Alguns participantes nos deram retorno positivo e demonstraram interesse em novos encontros, mas nos demos conta de que, mesmo que os *feedbacks* tenham sido positivos e mesmo que os temas tenham sido tirados do próprio grupo, não percebemos que o grupo não tinha preparo para aprofundamento em autoconhecimento, pois os temas caminhavam para trabalhos que mexiam com o mundo interno de maneira intensa.

Avaliando os procedimentos e propostas de cada encontro, concluímos que a nossa abordagem das temáticas foram propostas acima da capacidade de lidar do grupo. Para nós, parecia que a linguagem seria perfeitamente compreendida pelo grupo, foi uma excelente lição, pois aprendemos que temos que adequar o conteúdo à comunicação e à possibilidade de participação do grupo. Ainda não conscientes os levamos para uma viagem ao mundo interno inadequada para este grupo.

Acredito que os temas trabalhados não foram adequados para aquele momento, pois os levavam para o mundo interno, onde se tocava na dor e no autoconhecimento ainda não desejado. Mesmo sendo um tema que me chama muito a atenção, pois faz parte da minha trajetória e bagagens adquiridas até aqui, creio que não era o momento adequado para trabalhar temas que remetia a tanta intensidade; o grupo não estava pronto para uma intervenção dessa categoria, era preciso algo mais lúdico, com temas que proporcionassem conforto e alegria àquelas pessoas que realmente precisavam vivenciar momentos de distração e bem-estar.

Revedo este processo e com distanciamento, hoje, escrevendo essa monografia, concluo que, na época, se eu soubesse a respeito do ócio criativo, eu teria com certeza elaborado um projeto com base neste conceito.

Apoiado no conceito de ócio, eu focaria as intervenções em atividades com temas lúdicos e de interesse geral, não somente temas ligados à surdez, tornando o momento ocioso em ócio, algo prazeroso, um ócio necessário para o momento.

5.1. Os desafios enfrentados no desenvolvimento do papel de Psicodramatista.

No início, fui tomada pelo medo de iniciar as ações, estava bem insegura, passei a me conhecer diante de tornar-me uma especialista em Psicodrama e o novo papel de Diretor de Psicodrama/Sociodrama. Notei que tinha muita dificuldade de elaborar os encontros, em vários momentos me senti sem saber o que fazer por falta de experiência e também tinha dificuldades de experimentar minha espontaneidade e criatividade.

Comecei a me observar diante das várias fases de envolvimento com aqueles encontros. Eu criava certo bloqueio na elaboração das atividades para o encontro, porém, quando estava com o grupo, sentia-me um pouco mais leve, mas ainda assim notava algumas coisas referentes ao meu comportamento, enquanto ego-auxiliar ou diretora de grupo. Quando assumia o papel de ego-auxiliar, sentia-me mais confortável, ou seja, eu via esse papel como um papel secundário. Já o papel de diretor, eu via como papel central e de linha de frente, um papel de muita exposição; no meu ponto de vista, a pessoa que assumia esse lugar deveria ter domínio e muita segurança. O papel de diretor me assustava muito, pois não me sentia pronta para assumir tamanha responsabilidade. Os encontros criavam certa expectativa no grupo, a de fazer aquele momento agradável e inovador, mas não me sentia confiante para suprir essa expectativa porque me sentia inexperiente.

Minha colega de curso e eu revezávamos o papel de diretor e ego-auxiliar e quando uma dirigia a outra, além de assumir o papel de ego-auxiliar deveria também fazer o processamento, que se refere ao relato do encontro junto com seus fundamentos, para estudo posterior. Organizamos desta forma e deu muito certo, claro que todas as unidades funcionais enfrentam conflitos em certos momentos.

Certa vez, ocorreu que minha colega não conseguiu criar a atividade e pediu ajuda e eu, pega de surpresa, fui tomada pelo momento, pois não tinha a mesma facilidade de criar e desenvolver o encontro como ela aparentava ter, ainda mais de última hora, mesmo assim enfrentei a situação de desconforto e reservei um horário para trabalhar em cima daquele encontro. Naquele dia, lembro-me que fiquei muito tensa com aquela responsabilidade e percebi que eu fiquei ainda mais nervosa, pois,

além de ter que criar um roteiro, que era a minha maior dificuldade, eu deveria corresponder à expectativa da minha colega em ajudar na elaboração daquele encontro. Notei que o peso estava mais em satisfazer a expectativa da minha colega do que em me desenvolver naquele papel e tudo ficava ainda mais pesado para mim. Um tempo depois, tivemos uma conversa na qual ela me informou que se sentia sozinha naquele momento e eu não sabia como falar a ela que eu tinha dificuldades em criar um roteiro, pois na minha cabeça ela poderia pensar que era falta de vontade ou que eu não estava me importando com isso, deixando tudo nas mãos dela.

Até que em um dado momento resolvemos isso no grupo de terapia de forma leve e sutil, nós sabíamos que a unidade funcional dava certo, pois os encontros estavam se desenvolvendo, mesmo que “nos bastidores”, tivéssemos tido um certo conflito. Nunca discutimos, nossa relação sempre foi muito boa, mas éramos muito diferentes, ela planejava com mais facilidade, tinha experiências com grupos, ela possuía experiência com treinamentos de pessoas em empresas, eu notava certa habilidade na percepção de grupos e na leitura de processos, além de conhecimentos mais específicos voltado para a psicologia, o que me trazia a sensação de que ela estava mais desenvolvida neste novo papel do que eu e me passava segurança, mas com o passar do tempo percebi que o desenvolvimento dessa construção de papel me mostrou algumas deficiências a meu respeito e graças a essa vivência eu pude perceber e enfrentar os desafios de transformação que este momento exigia.

Estávamos vivenciando o que Moreno nos ensina a respeito de desenvolvimento de papéis, quando enumera as três fases do desenvolvimento de um novo papel, em que o *role-taking* é a primeira fase e se refere à aquisição desse desenvolvimento de papel, tomando como exemplo o comportamento de pessoas que já exercem esse papel por algum tempo. A segunda fase é a que Moreno denomina *role playing*, jogo de papéis, que após algum período de prática e familiaridade, te permite jogar com esse novo papel, proporcionando maior liberdade de atuação no mesmo. A terceira e última fase do papel é o *role creating*, criação de papéis, que permite alto grau de liberdade de atuação, é o momento em que o papel se encontra desenvolvido. (MORENO,1992).

Algum tempo depois, encontramos o equilíbrio que precisávamos para manter saudável o desenvolvimento dos nossos papéis, bem como a relação da unidade

funcional. A partir daquele dia, nossa relação só aprimorava e se estendeu para fora desse contexto, o papel de novo amigo começava a se desenvolver.

Cumprimos a meta de realizar 6 encontros, sendo 1 encontro por semana, incluindo o planejamento do encontro, a atuação de ego-auxiliar e/ou diretora e o relatório a ser entregue à professora supervisora, que chamamos de processamento.

Eu me recordo do nosso primeiro encontro, minha colega fez o planejamento e eu ajudei a complementá-lo. No dia em que realizamos o encontro com o grupo, saiu tudo conforme o planejado e o grupo ficou muito satisfeito, lembro-me de que nos abraçamos com alegria e ficamos com a sensação de missão cumprida.

Foi uma experiência incrível, que motivou os demais encontros. As fases de tensão na elaboração do encontro e processamento eram fortemente compensadas por momentos de satisfação quando estávamos junto com o grupo. A sensação de ser um canal, um instrumento que facilitava o grupo a se reconhecer e se desenvolver era gratificante demais. Eu realmente estava em fase de reconhecimento de mim mesma diante daquele papel, mas não tinha essa percepção tão claramente.

5.2. Reflexões

Observando hoje todo o trabalho e seu desenvolvimento junto ao grupo de mulheres, percebemos que tive muita pretensão em iniciar os trabalhos de grupo com foco no desenvolvimento pessoal delas, acredito que meu olhar estava muito apurado no que se refere à minha bagagem pessoal, com foco no autoconhecimento. Como descrito nos relatos, no capítulo anterior, deixamos o grupo decidir os temas com a qual trabalharíamos já no primeiro encontro, no qual foram definidos os demais; isso deu margem para entrarmos em assunto profundos e que entravam em contato com dores e conflitos internos e não nos demos conta de que, a princípio, o que aquelas mulheres precisavam era simplesmente tornar aquele tempo ocioso em momento produtivo e que proporcionasse prazer a elas, tornando o momento de espera pelo filho produtivo, mas oferecendo o apoio que o grupo necessitava naquele momento.

Deixar o grupo determinar os temas, levou-nos a adentrar um universo muito delicado, íntimo e profundo. Aquelas mulheres necessitavam de acolhimento, mas de uma forma não direta, mas sim fazendo-as esquecer, mesmo que por um momento,

os conflitos que as deficiências do filho traziam para suas vidas. Os temas eram todos ligados à realidade do filho e a preocupação delas com o desenvolvimento deles, e como estávamos no momento *role taking*, construindo esse novo papel, não percebíamos tão claramente que o foco estava sendo o filho e não as mulheres. Trabalhávamos o conflito e a dor com relação àquela realidade, mas não focávamos no bem-estar que era necessário trazer para aquelas mulheres, por meio de trabalhos que proporcionassem leveza a elas.

Atividades que proporcionam o lazer e com temas mais holísticos que fugissem de assuntos dolorosos e que permanecessem em temas que remetessem a um momento mais agradável, alegre e harmonioso deveriam ser o meu foco para aquele momento. Percebo isso, observando, hoje, com o papel de Sociodramatista mais desenvolvido.

Eu focaria nos trabalhos fundamentados no conceito de ócio, que por sua vez tem a finalidade de proporcionar ao indivíduo momentos que os levem naturalmente a entrar em contato com suas emoções, percepção de autonomia e autoconhecimento. (DATTILO, KLEIBER, 1993 p 76, *apud* CUBO, 2018, 161), alinhados com o conceito de jogos, que remete à ordem lúdica, levando a interrupção da vida cotidiana, para proporcionar um momento de lazer, libertando-se das amarras sociais, proporcionando um momento desprovido de censuras ou críticas. (YOZO,1996).

No âmbito o ócio, o indivíduo vivencia uma experiência de autodesenvolvimento que potencializa a sua transformação; é uma experiência de ruptura da realidade e com retorno ao cotidiano, modificado. O ócio possibilita essa transcendência: exemplo, quando ouvimos uma sonata de Chopin ou lemos uma poesia de Drummond, na qual podemos estabelecer contato com realidades que nos transcendem, permitindo recompor em nós mesmos a própria arte significativa do belo, bom e nobre. A partir destas concepções, a vivência de ócio concentra contextos experienciais que podem ser âmbitos para a recriação de valores; se diferencia das meras atividades, por sua capacidade de dar sentido e potencializar encontros espontâneocriativos que levam ao autoconhecimento. (CUBO, 2018)

Segundo Cubo (2018), esse conceito desafia o indivíduo a experimentar maior liberdade e sentimentos que proporcionam a felicidade em que essa motivação não

parte de algo externo, mas sim de algo que nasce internamente, uma satisfação intrínseca e agradável.

Eu acredito no poder que o ócio proporciona justamente por um olhar diferenciado que sua metodologia proporciona e que se extingue do foco que remete à responsabilidade. O momento de ócio pode ser transformador se adequado ao grupo de maneira a levar um aprendizado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M., & TASSINARI, M. Processamento em psicodrama. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v.2-2, 1994, p. 13-23.

BERMÚDEZ, J. G. R.-. **Introdução ao psicodrama**. São Paulo. Ágora, 2016.

BRITO, V. Um convite à pesquisa: epistemologia qualitativa e psicodrama. *In*: MONTEIRO, A. M. **Pesquisa Qualitativa e psicodrama**. São Paulo: Agora, 2006.

CERVELLINI, N. G. H., GIRO, N. R. e VILLELA, V. H. L. Uma Viagem pelos Caminhos de Formação do Psicodramatista - A Ação Transformadora, Ética e Estética do Role-Playing. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v.16. nº 2, 2008, p. 137-158.

CUBO, R. Ócio e Trabalho: Dimensões Compartilhadas. O Sentido do Ócio Redefinindo Tempos e Espaços Organizacionais. Em: **Revista Científica Multidisciplinar Gentil Alves Pessoa**, v. 1 n. 1, 2018.

CUBO, R. El Ocio como Ámbito de Integración de los Inmigrantes: Representaciones y Vivencias de Mujeres Brasileñas en el País Vasco. *Apud*, LANZA, L. M.; EVELYN SECCO FAQUIN. **Anais do I Colóquio Internacional de Pesquisas e Estudos Migratórios**. Londrina: Anais do Congresso, Londrina, PR, pp. 153-171, 2018.

DATNER, Y. **Jogos para educação empresarial: Jogos, jogos dramáticos, role-playing, jogos em empresa**. São Paulo. Ágora, 2006.

DE MASI, D. **Ofuturo do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003

CUKIER, R. **Palavras de Jacob Levy Moreno**: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora. 2002

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; DE ALMEIDA, W. C. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora 1988.

LIBERMAN, A. “Retramatização – A Trama Individual, a Retrama Grupal e a Ação Dramática como Agente de Transformação”; **Revista Brasileira de Psicodrama**, v.3. nº 2, 1995, p. 25 - 39.

MARINEAU, F. R. **Jacob Levy Moreno, 1889-1974**: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Ágora.1992.

MARINO, M. J. O grupo no processo educativo. **Linhas Críticas. Revista Semestral da Faculdade de Educação**, V.4, n. 7-8, 1998-1999.

MARRA, M. M.; FLEURY, H. J. (Org) **Grupos**: Intervenção socioeducativa e métodos sociopsicodramático. São Paulo: Ágora. 2008.

MONTEIRO, R. F. (Org). **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1998.

MORENO, J. L. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, V .20, 1983.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá**: Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. Goiânia: Dimensão, V. 1, 1992.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cutrix, p. 91-92-93.

MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e Psicodrama**. São Paulo. Mestre Jou, 1974.

MORENO, J. L. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo. Ágora, 1984.

RAMALHO, C. M. R. **O sociodrama e o role-playng na prática sociopsicodramática**. in **Grupos**: Intervenção socioeducativa e métodos sociopsicodramático. São Paulo: Ágora. 2008.

RODRIGUES, R. **Intervenções Sociopsicodramáticas: atualização e sistematização de recursos, métodos e técnicas**. in **Grupos**: Intervenção socioeducativa e métodos sociopsicodramático. São Paulo: Ágora. 2008.

SANTOS, A. G. **Auto-apresentação, apresentação do átomo social, solilóquio, concretização e confronto**. In **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1998.

WILLIAMS A. **Psicodrama Estratégico**, Ágora, 1994.

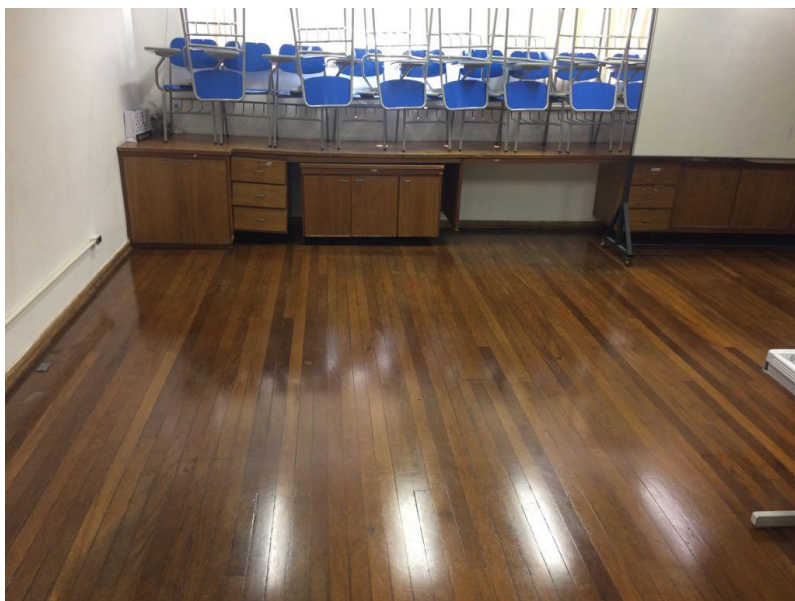
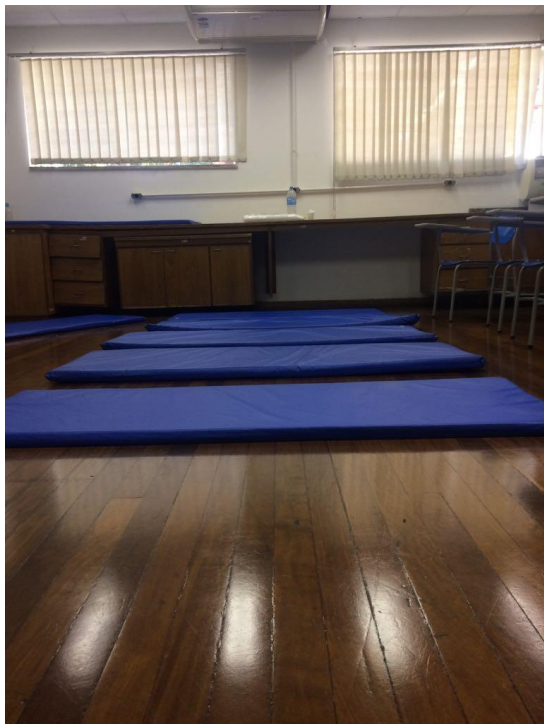
YOZO, R. Y. *100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: Ágora, 1996.

Referências On-Line

OCIOSIDADE. **Dicio Dicionário online de Português**, Disponível em: < <https://www.dicio.com.br> >. Acesso em: 23 de jun. 2018.

ANEXOS

FOTOGRAFIA DO LOCAL ONDE FORAM REALIZADAS AS INTERVENÇÕES DE GRUPO.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sua instituição está sendo convidada a participar da pesquisa-participante:

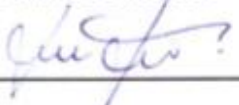
UM ESTUDO SOBRE O RESGATE DO PAPEL DE MULHER EM GRUPO DE MÃES DE CRIANÇAS SURDAS.

1. A participação não é obrigatória e a qualquer momento a instituição pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
2. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com órgãos superiores.
3. Os objetivos deste projeto são:
 - Explicitar a Contribuição do Sociopsicodrama no processo de intervenção de grupo composta por mulheres/mães de alunos surdos que estão vivendo diariamente um período de tempo caracterizado pela ociosidade, criando a formação de relações complementares com vivência de troca de experiências agregadoras;
 - Estudar a transformação da ociosidade, o não saber como vivenciar este tempo de espera de forma prazerosa por meio do Sociopsicodrama.
 - Desenvolver uma pesquisa-ação investigando as situações de aprendizagem vivenciadas;
 - Explicitar a contribuição do Sociopsicodrama no processo de ensino-aprendizagem que ocorre em co-construção, a luz de uma abordagem Moreniana/Sociopsicodramática;
 - Contribuir para o processo de desenvolvimento pessoal e relações em grupo que permeiam o convívio social.
4. A participação nesta pesquisa consistirá a realização da mesma na instituição vigente.
5. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e é assegurado o sigilo sobre sua participação.
6. Os dados não serão divulgados a possibilitar a exposição da instituição.

7. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados do pesquisador, e de seu orientador podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Dados do pesquisador:

Nome: Chaiza Lima de Moraes

Assinatura: 

Endereço: Rua Laurentino Xavier dos Santos, 578, Vila Progresso – São Paulo/SP.

Telefone: (11) 9 8041-2520 ou (11) 2682-3842

E-mail: rcchaiza@hotmail.com; clmoraes@pucsp.br

Dados da orientadora

Nome: Profa. Yvette Betty Datner

Assinatura: 

Endereço: Rua Ribeiro de Barros, 187

Telefone: (11) 9 9142-7999

E-mail: ydatner@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos da participação da instituição na pesquisa e concordo participar.

São Paulo, Maio de 2016.



Responsável Institucional
Beatriz C. Novaes
Superintendente
DERDIC/PUCSP